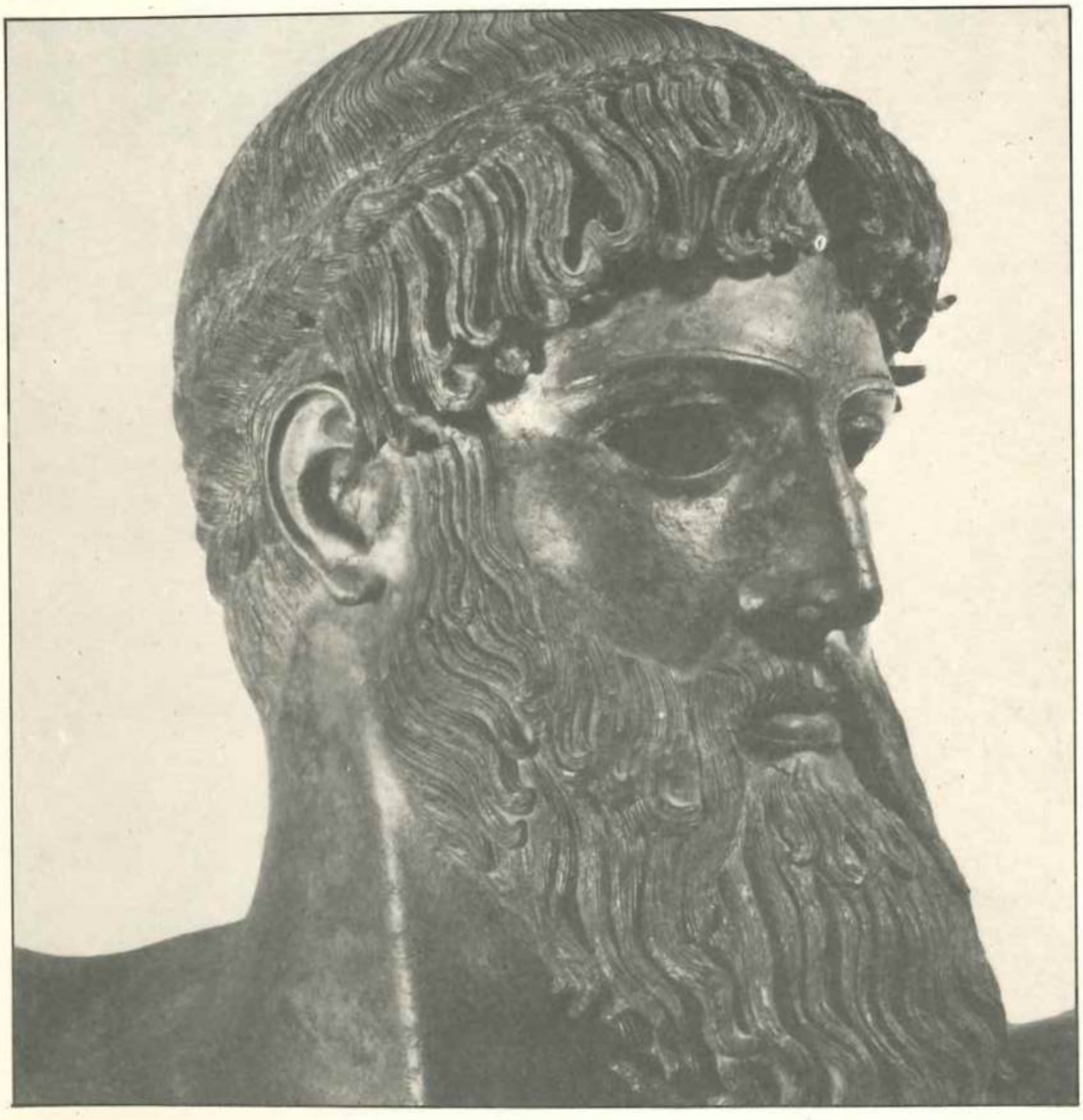
IVPITER

JÚPITER. REVISTA DE ASTROLOGIA. TRIMESTRAL. ANO I, Nº 1. FEVEREIRO DE 1980



Década de 80: vida nova?

A astrologia como Karma-Ioga

A ciência da liberdade

Um texto de Plotino

Especial
UM JORNAL
de astrologia

CR$ 70,00

JÚPITER
REVISTA DE ASTROLOGIA
ANO I, Nº 1.
SÃO PAULO, 2 FEV 80.

Diretor de Redação
Olavo de Carvalho
(Reg. M. T. 8860)

Secretário de Redação
Alcides Lemos

Redação e colaboradores
Antonio Carlos Harres
(Redator-Chefe)
Mirna Gracinda Fernandes
(Sec. executiva)
Juan Alfredo César Müller
Hélio Amorim
Mitsue Morissawa
Cristina Bürger
Regina Maria de Figueiredo

Correspondentes no Brasil
Emma Costet de Mascheville
(Porto Alegre)
Carlos Asp
(Florianópolis)
Maria Eugênia de Castro
(Rio de Janeiro)
Eduardo Maia
(Recife)
Jorge Eduardo Aguiar
(Brasília)

Colaboradores no Exterior
Dane Rudhyar
(Palo Alto, California, EUA)
Henry Weingarten
(Nova York)

Relações Públicas
Mary Lou Simonsen

Editor Gráfico
Edmundo Coelho Barbosa

Editado e distribuído por
ESCOLA JÚPITER
PROMOÇÕES & COMÉRCIO LTDA.
Rua Raggio Nóbrega, 40
Jardim América
FONE: 853-5946
CEP 01441 São Paulo SP
CGC 51732782/0001-94

Diretor Responsável
Olavo de Carvalho

Composição:
Editora Jornalística
Gazeta Mercantil S.A.

Impressão
Monsanto Editora Gráfica Ltda

Número atrasado: Cr$ 80,00
Publicação filiada ao
CENTRO DE PESQUISA E DIFUSÃO
DE ASTROLOGIA CIENTÍFICA (Porto Alegre).

SUMÁRIO

CARTA DO EDITOR
Propósito e sentido — 5

REPORTAGEM
A década de 80 segundo Emma de Mascheville — 6

COMENTÁRIO
A astrologia como karma-yoga
por Dane Rudhyar — 11

ALEGORIA
As doze tarefas
por Martin Schulmann — 17

ENSAIO
Céu e Terra: a cosmologia hispano-árabe
por Titus Burckhardt — 20

DOCUMENTO
Astrologia como ciência da liberdade
por Olavo de Carvalho — 25

Uma nova maneira de ensinar astrologia
por Olavo de Carvalho e Antonio Carlos Harres — 35

CLÁSSICOS
Tudo é símbolo
Excerto de um tratado de Plotino — 44

BRASILIANA
Oração ao Sol
por Cruz e Souza — 46

E MAIS
ESPECIAL: JORNAL DE ASTROLOGIA

SEU DESTINO ESTÁ TRAÇADO!

MANDE HOJE MESMO O CUPOM AO LADO ACOMPANHADO DE APENAS Cr$ 240,00 E VOCÊ NÃO ESCAPARÁ DE RECEBER TRIMESTRALMENTE A ÚNICA REVISTA DE ASTROLOGIA QUE CIRCULA NOS TERRITÓRIOS GUARANIS.

Propósito e sentido

Na mitologia, assim como na tradição astrológica, Júpiter governa a ordem e a harmonia entre as partes e forças que compõem o organismo do mundo. É uma divindade benevolente, que acolhe e protege, mas é também o deus da vitória, o gerador dos grandes impulsos generosos que arrebatam o homem para a conquista de novos e mais amplos horizontes.

Sob a divisa desse nome e a inspiração desse arquétipo, JÚPITER, primeira revista de astrologia de circulação nacional, se apresenta com um duplo propósito: reunir num feixe único as contribuições de astrólogos e estudiosos de várias nacionalidades, grupos, correntes e escolas, e oferecê-las como uma contribuição dessa antiga arte ao conhecimento contemporâneo e à renovação e fortalecimento da cultura nacional.

Dois anos atrás, num documento firmado em uma reunião nacional de astrólogos, estabelecemos nossa convicção de que em breve soaria a hora para o ingresso da astrologia, como atividade intelectualmente responsável, no panorama da cultura nacional. Hoje, a revista JÚPITER é a demonstração e o instrumento desse ingresso.

Atividade intelectual e criativa das mais complexas e abrangentes que o espírito humano já pôde conceber, a astrologia, no curso da história, atravessa fases alternadas de expansão e retração, só alcançando plena divulgação e vigência pública nos meios culturais durante as épocas de amplo florescimento cultural em todas as áreas. Entre essas épocas, o Egito de Tutankhamon, a Grécia dos pitagóricos, o neoplatonismo no século III, a renascença medieval nos séculos XII e XIII, e a aurora científica com Paracelso, Kepler, Newton e Galileu (todos eles astrólogos).

Em contraste com os tempos de dispersão, em que as linguagens se multiplicam numa ramagem caótica onde todas as respostas se nivelam e anulam mutuamente, essas épocas de síntese parecem arrebanhar todo o esforço humano num sentido único e convergente de progresso e realização, e produzem, para a consecução do grande sonho de heroismo coletivo, o milagre do conhecimento universal e integrado. Numa intuição fulgurante do parentesco entre essas épocas e ó periódico ressurgir da astrologia, o filósofo Georg Lucács escreveu, durante a fragmentação e os horrores do começo do século: "Bem-aventuradas as épocas que podem ler no céu estrelado o mapa dos seus destinos! Nelas tudo é novo, e no entanto estranhamente familiar, porque o fogo que arde nas estrelas é da mesma natureza daquele que anima os corações humanos!"

Acreditamos estar hoje, depois de dois séculos de fragmentação, ingressando numa dessas épocas. E é com enorme sede de ordem e unidade que a cultura moderna aspira pela reconstituição de uma imagem científica e filosófica do universo, que já não seja a ratoeira cósmica, aprisionando-nos entre as molas do agenciamento mecânico das causas e efeitos, mas, novamente, a Casa do homem, seu caminho, seu destino e seu significado. No portal dessa época, ressurge a voz da astrologia.

Na Europa, o renascimento astrológico começou por volta de 1897, afirmando-se plenamente na década de 30, quando homens como Jung, Pauli, André Breton, Gaston Bachelard, Gabriel Marcel, deram os passos decisivos para a recuperação, pela mente moderna, de um dos maiores edifícios intelectuais e espirituais já conhecidos pela humanidade.

Nos Estados Unidos, foram as décadas de 40 e 50 que, com Dane Rudhyar e Marc Jones, promoveram essa recuperação, estreitamente associada, ali, ao surgimento da "terceira força" em psicologia, representada pela escola de psicologia humanística de Assagioli e Maslow.

Em nosso país, a passagem de Urano, planeta significador da astrologia, pelo ponto culminante do horóscopo da Independência, assinala uma possibilidade fecunda e um desafio urgente a que temos, hoje, os meios e o dever de responder.

O propósito de JÚPITER é contribuir para que, para além e acima de toda desfiguração e de toda polêmica de natureza puramente folclórica, a imensa riqueza representada por milênios de investigação, criação intelectual e arte astrológica possa chegar até os estudiosos brasileiros de todas as áreas e fecundar, com novas sugestões, com novos enfoques e com a oferta viva de novas intuições, de impressionante clareza e coerência, a criação de uma revigorada cultura nacional. De uma cultura que, liberta enfim de todo provincianismo e de toda inibição intelectual, se abra, frondosa e viva, para o desafio de pensar o homem em escala cósmica.

O. C.

Nesta década, uma vida renovada

(segundo Emma de Mascheville).

A década de 80 será mesmo tão catastrófica quanto se diz? Num depoimento prestado na sede da revista Júpiter, perante um grupo de jornalistas e de estudantes de astrologia, D. Emma de Mascheville, professora de várias gerações de astrólogos brasileiros, ofereceu um antídoto contra a onda de previsões negras para a nova década: as razões astrológicas da esperança e da vitória.

Interroga-se sobre tudo neste início de década: o futuro das nações, dos regimes políticos, o comportamento do homem e da mulher, o sucesso dos sistemas econômicos, a justiça e a felicidade de todos na sociedade contemporânea, perguntas exaustivamente veiculadas pelos meios de comunicação nestes últimos dois meses. Interroga-se até mesmo se a nova década começa na passa-

gem de 1979 para 80 ou se começará apenas ao final deste ano. Na verdade, mais do que as anteriores, a década de 80 parece ser um enorme ponto de interrogação que incomoda a todos nós.

Mas ela já ganhou vários prognósticos, quase todos sombrios e ameaçadores, além das inevitáveis previsões de fim do mundo. Mesmo que alguns prognósticos cheguem a ser apavorantes, eles não conseguem, contudo, reduzir a curiosidade de todos em relação às possibilidades que uma nova era sempre deixa em aberto, ou mesmo reduzir um renitente otimismo.

Uma das poucas vozes que no Brasil ainda pode prognosticar a esperança e a vitória de uma vida renovada é a astróloga alemã Emma C. de Mascheville, radicada no Rio Grande do Sul há cinqüenta anos, onde formou várias gerações de astrólogos, continuando o trabalho iniciado por seu marido, Albert Costet de Mascheville, no início do século.

Para dona Emma, tudo o que atualmente ocorre com aparência de anormalidade e ansiedade pode ser assemelhado à vida do corpo humano: *"Quando há nele algo que tem de ser expulso, renovado, cria-se então um abscesso. Esse abscesso vai causar febre e esta febre toma conta do corpo inteiro. Quando há agitações, guerras, há a necessidade de limpar o organismo da Terra que conserva ainda idéias a serem modificadas. Essa "guerra" tem de ser considerada um abscesso local que não toma conta inteiramente da Terra porque uma parte dela está em plena ascensão, no sucesso pleno, enquanto que somente a outra parte está em decadência. Acho que o destino da América do Sul é um destino completamente diferente do da Asia e Europa, por exemplo".*

1982 pode trazer o prêmio dos sacrifícios de agora

Quando esteve em São Paulo pela última vez, no final do ano passado, Emma de Mascheville foi procurada por alguns alunos para que explicasse o que significará, na década de 80, Saturno e Netuno em quadratura com o Sol, em oposição a Urano, que em outras épocas marcou períodos de fome, o período mais destrutivo da guerra de 1914, epidemias em várias partes do mundo (no Brasil, a gripe espanhola), a luta na Espanha, em 36, iniciando a Segunda Guerra, etc.

Seus alunos estavam impressionados com as interpretações divulgadas até aquele momento. Mas ela tranquilizou-os: *Eu tenho dito a vocês que Plutão é o agente que destrói para despertar, para criar novas energias. Na história dos últimos 300 anos, Plutão demonstrou sempre a destruição de uma situação e o levantar de uma outra. Já demonstrei algumas vezes que quando Plutão estava no signo de Virgo, de 1954 a 72, ocorreu o despertar da consciência brasileira, o despertar de todas as suas capacidades e de seus talentos. Plutão estava no signo do Brasil e trouxe esta efervescência que dará ao Brasil não o comunismo, mas o cooperativismo, o espírito de cooperação entre todos. É justamente isto que devemos ensinar, em primeiro lugar, compreendendo como astrólogos que a missão do Brasil não é a de se agitar, de se inquietar, de entrar num estado de febrilidade."*

Segundo Emma de Maschevil-

le, Saturno e Netuno em quadratura causam inflação, empobrecimento, lutas, dificuldades coletivas (em 71, por exemplo, nos Estados Unidos, houve a queda do dólar, lutas políticas internas e externas, etc. Mas isso não quer dizer que para o Brasil este será o momento mais grave. É apenas um momento de dificuldade, de limitação, de restrições, um momento de apertar os cintos e de se criarem alicerces mais seguros.

"É preciso renunciar um pouco para que de 80 em diante, quando Júpiter passar por todo o signo de Virgo, as coisas cresçam e dêem em 82 os resultados esperados, nova orientação, nova organização em tudo que é Escorpião. Quer dizer, em tudo que é química, ciência, energias. É muito importante a divulgação desta interpretação: para evitar o pânico que sempre acontece quando se prenuncia o fim do mundo. Isso já causou períodos de desespero e de suicídios."

Durante as quadraturas de Saturno com Netuno todas as fraquezas vêm à tona. Coincidentemente, segundo as previsões e as profecias haverá mais uma grande guerra neste século, que ocorrerá no Oriente. Será uma guerra de religiões, uma guerra santa, onde cada um lutará para impor as suas idéias. Além disso, as manchas solares ocasionam atualmente um ambiente que somente se repete de 4.400 a 4.400 anos; algo parecido com uma nova Torre de Babel, onde cada um só consegue entender as idéias que estão em seu próprio pensamento, sem poder entender o pensamento dos outros. Isso não é um indício de que algo realmente grave ocorrerá, atingindo a todos, indistintamente?

"Não, diz da. Emma. *Vejam como esse fanatismo, demonstrado no atual ambiente de luta, chega para dar uma nova compreensão. É especialmente isto que eu quero explicar. Nos acon-*

tecimentos políticos vemos como os aspectos negativos e as tempestades da vida, que nos parecem ser uma coisa terrível, são justamente o crescer e o desenvolver. Se nós não formos sacudidos, ninguém se mexerá. Há muito tempo sabemos que um dia o petróleo terminaria e há tempos sabemos que teríamos de fazer isto ou aquilo. Mas só agora, com a corda no pescoço, vamos nos ativar. E se de vez em quando não vem uma tempestade que sacode os galhos velhos, não haveria lugar para os novos brotos.''

Segundo ela, desde setembro se prepara esta transformação. Naquela época, Saturno e Sol, Mercúrio e Vênus estavam no grau 16, em quadratura com Netuno (quatro quadraturas em Sagitário!). Quer dizer, o predomínio do senso prático, da ciência, da autonomia e da religião. Mas Netuno recebe o sextil de Plutão (= a consciência), ao mesmo tempo que Saturno recebe o sextil de Urano (= o progresso da humanidade). *''Por mais forte que sejam esses aspectos dos planetas em conjunto, juntamente com os eclipses que se dão nesse momento, não se trata apenas de um aspecto de destruição, mas também do progresso da ciência e da renovação contra tudo aquilo que já existe de experiência acumulada. Há também, por outro lado, na parte mística, sentimental, emocional, psíquica* (sextil de Plutão), *a conscientização do ''Amai-vos uns aos outros''. Tornar-se independente para poder socorrer um dia aqueles que precisarem de nós. É o aspecto que se dá atualmente. É muito bonito.''*

O eclipse de Saturno e Júpiter: um momento grave.

Quando o *aiatolá* Khomeini, no auge da crise no Irã, declarou que se retiraria para a cidade sagrada de Quom, para um período de orações (5/12), havia um trígono de Vênus e Júpiter. Houve uma pequena perspectiva de entendimentos e de abrandamento das tensões por um instante,

embora logo em seguida ocorresse uma ocultação, primeiro, de Júpiter e, em segundo, de Saturno pela Lua. Nessas ocultações, a Lua passa à frente de ambos, não deixando que os raios de Júpiter e Saturno venham para a Terra, o que é sempre uma indicação de grandes agitações. *"Vocês devem compreender*, diz Emma de Mascheville, *que os raios de Saturno despertam no ser humano o senso de responsabilidade, segurança, confiança e espírito de abnegação, e os de Júpiter o espírito de justiça, de querer a benevolência. Quando tudo isso fica suspenso para a Terra isso é grave, pois são aspectos fortes e importantes."*

Na grande conjunção em Aquário, em 62, juntamente com eclipses, ocorreu o mesmo tipo de especulação que assistimos hoje. Na Índia, muitos já se preparavam para o fim do mundo. Não aconteceu tudo o que previram, a não ser a fome da Índia, que retomou sua vida com uma nova disposição e suas coisas progrediram. Na mesma época foi realizado o II Concílio Ecumênico.

Enfim, é absolutamente importante que se mantenha a idéia de que uma conjunção de muitos planetas inevitavelmente não ocasiona algo de terrível, como querem fazer acreditar as previsões para 1982, quando os planetas se acharão em alinhamento na mesma latitude em Escorpião. Para Emma de Mascheville, *"é muito importante que todos aqueles que estudam Astrologia mantenham e divulguem um grande espírito de otimismo, porque em Escorpião há sempre uma tendência ao pavor, ao medo, à autodestruição."*

Mas haverá um *stellium* (concentração de planetas) em 5 de novembro de 83, quando Plutão entrar em Escorpião. E esse aspecto ainda não é bem entendido pelos estudantes de astrologia. Haverá nesse momento alguma força benéfica? Segundo prevê Emma de Mascheville, haverá sim: quando Plutão entrar no seu próprio signo ele terá aí a sua maior força benéfica. *"Será a época em que na face da Terra muitas coisas mudarão porque não precisaremos mais do petróleo. Isso será a revolução de Escorpião na química e em todos os modos de vida na face da Terra. Grandes valores não serão mais valores e outras facilidades surgirão para a humanidade. Os aspectos entre os planetas, na maioria, são positivos: Júpiter e Urano, em conjunção em Sagitário (janeiro de 83) é um grande desenvolvimento da ciência, é um progredir de novas leis."*

Novos conceitos, novos valores, novas concepções. Plutão transitando em Escorpião será uma seqüência daquilo que começou quando Plutão estava em Touro (1850), um grande ano para a química. Paracelso, um dos iniciadores da moderna química, tinha Plutão em Escorpião. Transformou a química e descobriu o zindo — elemento até então desconhecido. Tudo leva a crer que a passagem de Plutão na vida de cada um foi sempre um fator de transformação para melhor.

"É a transmutação do final da Era de Peixes, diz Emma de Mascheville, a *herança da Era de Peixes. Neste século XX, e especialmente nesta década, todos nós precisamos ser conscientes de que é necessário acompanhar, compreender, amar e apoiar a nova primavera humana que brota. Precisamos compreender que na natureza e na vida não há anarquia, mas o Eterno Renascer!"*

A astrologia como Karma-Yoga

por Dane Rudhyar

Dane Rudhyar, um dos maiores astrólogos vivos do mundo, foi um pioneiro, com Marc Edmund Jones, do moderno movimento astrológico norte-americano, na década de 30. Astrólogo e amigo pessoal do psicólogo Roberto Assagioli, desenvolveu um tipo de astrologia orientado segundo a escola de psicologia humanística criada por este e por Abraham Maslow. Mais tarde, ampliou seu método para a criação de todo um sistema próprio de filosofia e ética voltado para a criação das "sementes de idéias" destinadas a germinar na cultura vindoura da Era do Aquário. Seu livro mais importante, The planetarization of consciousness (New York, ASI Publishers, 1970), foi saudado pela crítica como uma das maiores contribuições do pensamento norte-americano à compreensão da transição cultural do mundo de hoje. Um de seus últimos trabalhos, An astrological triptych (1978), foi classificado por Anais Nin como "único em seu poder de síntese", e por Henry Miller nestes termos: "Se você quer saber realmente o que é astrologia, se você quer uma experiência, — então leia Dane Rudhyar." Com o presente artigo, Rudhyar inicia sua colaboração regular em Júpiter, que tem assim a honra de apresentar — pela primeira vez em nosso país — uma das mais vigorosas vozes do humanismo mundial.

O conceito fundamental em que se baseia a Astrologia é o de que tudo o que "nasce" (isto é, que começa a funcionar como um fator individual num meio específico) em certo tempo e em ponto do espaço, está organizado segundo o modelo original específico, ou arquétipo, simbolizado pelo mapa natal. Este modelo define o que aquele organismo (ou campo organizado de atividade) DEVERIA ser se cumprisse sua função no esquema universal das coisas ou, poderia dizer-se, conforme o Plano de Deus.

Certamente pode haver não só diversos seres humanos mas uma grande variedade de organismos biológicos nascidos nesse mesmo horário e, no mínimo — muito provavelmente — nesse mesmo lugar. Eles todos têm, portanto, a mesma fórmula tempo-espaço de existência. A mesma Intenção Cósmica fundamental existe em todas essas totalidades. Esta Intenção funcionará em *fatos reais e eventos existenciais* exatamente da mesma maneira? Obviamente, não. O que esses fatos e eventos virão a

ser, dependerá, primeiro, da natureza do organismo; depois, da maneira pela qual o organismo esteja relacionado e venha a se relacionar, por esforço próprio, com o ambiente.

Em espécies biológicas inferiores ao homem primitivo, tal relacionamento é quase que exclusivamente determinado pelo tipo racial e pela hereditariedade. Mas, com o homem, surge a capacidade de controlar essa relação com o meio. Ele pode transformar esse meio a fim de cumprir um propósito determinado.

Teoricamente, isto é maravilhoso; mas se é realmente maravilhoso ou não, depende de qual seja esse propósito. Ele pode estar determinado por fatores coletivos-sociais e por valores culturais que não tenham nada, ou muito pouco, a ver com o "projeto" que "Deus estabeleceu" para qualquer das entidades nascidas naquele espaço e tempo. Um ser humano determinado pode, portanto, viver um tipo de vida no qual a estrutura ordenada por Deus para seu ser total esteja tão encoberta por determinantes sociais, culturais e familiares, além de Imagens coletivas sobre o que se deve ou não se deve fazer, que essa vida acabe se tornando uma expressão de objetivos meramente superficiais e grupais, e um desvio da "Intenção Criativa" do universo. O caráter e o objetivo arquetípicos essenciais da vida da pessoa terão sido amplamente ignorados, ou, pelo menos, terão agido somente através das lentes deformantes e obscurecedoras constituídas pelo que a família e a sociedade, mas não o universo ou Deus, pensaram ser a finalidade dessa vida.

Vários seres humanos podem ter o mesmo mapa natal, a mesma configuração original, mas a Natureza é prolífica em sua produção de sementes; somente alguns frutos do carvalho se tornarão árvores adultas. Dentre esses seres humanos que nasceram com o mesmo modelo primordial, somente um ou muito poucos colocarão em prática de maneira consciente e significativa, as potencialidades inerentes a ele. Um gênio e um louco bem podem ter o mesmo mapa. Este fato não significa que a astrologia não tenha valor, desde que percebamos que ela não nos diz o que acontecerá, mas o que aconteceria se a pessoa agisse consciente e seriamente, segundo as Intenções celestes representadas em código pelo mapa natal.

Esta é pelo menos a atitude contida no que chamo astrologia humanística, a qual trata, essencialmente, de questões relativas à consciência. Ela está baseada numa filosofia de *aceitação consciente*. Pede a todo indivíduo que aceite o que potencialmente é — que aceite a totalidade desse potencial sem anexar-lhe nenhuma etiqueta ética de bom ou mau, feliz ou infeliz.

Isso significa que se deveria aceitar o mapa natal como ele é e estar disposto ao cumprimento de suas implicações. Mas tais implicações têm de ser vistas sob uma luz totalmente nova e não tradicional, na percepção de que cada mapa natal atende a um propósito significativo inteiramente válido e que, como indivíduo incarnado, o homem é esse propósito, o que quer que este seja e como quer que a sociedade ou os pais possam julgar seu valor.

Quando se aborda a vida de tal maneira entende-se do modo mais vívido o que os filósofos hindus querem dizer com *dharma*.

Segundo este conceito, toda criatura viva tem seu próprio *dharma*, sua "verdade de ser". Tem aquilo que é muitas vezes chamado atualmente sua "identidade real". A juventude rebelde de nossos dias está, com freqüência, lutando desesperadamente para descobrir sua identidade, sua "singularidade de ser", e é porque, em nossa cultura, não lhe foi dada nenhuma forma tradicional de procura consciente dessa identidade e da descoberta de seu "verdadeiro Nome", que ela freqüentemente tende a se rebelar selvagemente contra toda Imagem sócio-cultural-religiosa que foi estampada em sua mente, durante os primeiros anos formativos da infância, ou então vagueia por caminhos de fuga quase-mística à procura de êxtases sempre evasivos.

Dharma, verdade de ser, identidade: estes e outros termos se referem todos ao que chamei de "modelo original" do ser de um indivíduo. A vida espiritual é aquela que está baseada na aceitação consciente deste modelo - *dharma*. Mas como se pode conscientemente aceitar aquilo de que não se está ciente? A primeira coisa é, portanto, chegar a uma compreensão vívida e se possível claramente consciente do que se é essencialmente *como indivíduo* — e não como membro desta ou daquela raça, família, classe social, religião, cultura e nação.

A astrologia pode tornar-se um método para tal compreensão; mas se isto é o que se espera da astrologia, então, obviamente, muitos dos conceitos astrológicos tradicionais têm de ser completamente transformados. O mapa natal tem de ser entendido como arquétipo ou como a configuração básica do ser individual de alguém — como a "forma" simbólica de sua individualidade e, portanto, também, de seu destino, pois os dois são idênticos. O destino de um homem é o modo pelo qual ele é capaz de desempenhar sua identidade e realizar aquilo que, no seu nascimento, era somente potencial. Individualidade é o dharma; destino, o karma do ser humano. Dharma é o padrão fundamental, karma o tipo específico de atividade adequado para cumprir esse padrão de personalidade individual.

O que os filósofos hindus chamam de "Karma yoga" é um processo de total aceitação das atividades específicas requeridas para pôr em prática e consumar o dharma de uma pessoa. Karma também se refere aos resultados das ações passadas, mas este não é o significado mais essencial, embora o mais popular. Ações passadas que não foram executadas segundo o dharma de um indivíduo deixam resíduos ou sobras; mais ainda, o que não foi feito, mas deveria ter sido executado a fim de se completar o dharma, permanece como tarefa inacabada. Como a existência é cíclica, o dever incompleto, no fechamento de um ciclo, reaparece durante o próximo (ou algum outro seguinte), como karma. Este "karma velho" condiciona e, na maioria dos casos, determina o caráter do novo dharma — isto é, do modelo original do novo nascimento. Quando se aceita o conceito rígido de reencarnação, então, obviamente, tem-se que, da mesma forma, aceitar isso do karma ser o resultado de fracassos, distorções e a tarefa inacabada de uma vida passada.

Karma yoga é "união" (isto é, yoga) com o que precisa ser feito a

fim de realizar totalmente as características e as potencialidades de um nascimento num lugar e tempo específicos — isto é, num meio e durante uma fase específica da evolução cíclica da espécie humana. Isto significa uma aceitação total e incondicionada do mapa como um meio de efetuar o dharma que ele simboliza, mas somente quando o mapa é visto e entendido como uma imagem nítida do universo inteiro, e de seus ritmos como um todo de partes interdependentes; e nenhuma parcela, nada, no mapa, é considerado essencialmente "ruim" ou "mau".

Uns quarenta anos atrás, escrevi um panfleto intitulado: "A Vontade de Destino". A frase é, em certo sentido, uma tradução do termo Karma yoga — mas, certamente, é também uma expressão do ideal crístico de entrega à Vontade de Deus. Entretanto, todas as frases assim, e o que envolvem, tornam-se fúteis no nosso estágio atual de evolução humana, se não se acrescenta que esta identificação com um modelo cósmico e harmonizado como os grandes ritmos do universo deveriam ser o resultado de um processo consciente. Em outras palavras, o que nelas se idealiza não é uma atitude passiva de meramente deixar o barco correr, mas uma positiva e dinâmica focalização de consciência no dharma. A consciência é centrada num esforço sólido e constante, primeiro, de reconhecer o caráter desta "verdade de ser" individual; depois, de compreender seu significado. O objetivo final não é somente cumprir o destino, a individualidade da pessoa, mas no próprio processo desta realização, compreender consciente e claramente o objetivo divino e cósmico de seu nascimento, onde e quando ocorreu — isto é, o porquê de sua existência como pessoa distinta.

No entanto, esse objetivo nunca pode ser verdadeiramente compreendido a menos que o ato de entendimento seja idêntico ao ato de cumprimento do destino. O *dharma* se revela *através* da ação do *karma*, mas somente se houver uma conscientização da consciência nessa ação à medida que esta se desenrola — e não antes dela acontecer. A carta natal (mais suas progressões e trânsitos) tem valor somente se é visto como plano-de-fundo durante os pontos críticos, as crises e decisões de vida da pessoa que ele simboliza. Ela é, poderia dizer-se, uma espécie de mapa sobre o qual o navegador marca o caminho descrito pelos avanços anteriores. O navegador, diante de uma possível mudança de direção, pergunta: Considerando-se o que alcancei, qual será o próximo passo?

Contudo, tal questão não é somente fútil, mas talvez prejudicial, espiritualmente falando, se o indivíduo não estiver disposto e pronto a fazer "yoga" com esse próximo passo, seja ele qual for; quer dizer, se o indivíduo não for capaz de perceber que qualquer passo que seja o próximo *para ele* está "certo" — quer a sociedade ou a religião o considerem bom ou mau, fácil ou difícil, favorável ou desfavorável. O karma-yogue desempenhará esse ato independentemente das conseqüências se ele "souber" — com um conhecimento além da razão, tradição, do medo ou do pressentimento — que, para ele, aquele é o próximo passo.

A pronta disposição de encarar qualquer crise e, em geral, de viver completamente o próprio destino, reconhecido e aceito, não é

comumente encontrada entre seres humanos, especialmente em nossa sociedade permissiva, hedonista e orientada para o conforto. Nunca foi muito difundida em tempo nenhum, e é por causa disto que o *gurus* hindus têm de interpretar, na vida de seus discípulos, um papel que estes geralmente falham em entender, e, quando entendem, raramente apreciam. O guru "precipita" o karma de seu discípulo; força-o, direta ou indiretamente, a encarar o karma do qual ele, normalmente, tentaria fugir ou preterir por tortuosos e hábeis subterfúgios mentais. Mas, ao mesmo tempo, o guru permanece próximo, psíquica senão fisicamente, de forma a agir como uma espécie de "espelho mágico" no qual o discípulo pode ver conscientemente — talvez não imediatamente, porém mais cedo ou mais tarde — o que está acontecendo e *por que* acontece.

Esse é o "Caminho consciente", e é também o caminho da "vida simbólica", porque todo processo e acontecimento dentro dela está pleno de significado, e, até certo ponto, é uma expressão do Amor à Harmonia, que é o fundamento de toda existência, do microcosmo bem como do macrocosmo. O próprio mapa natal é um símbolo. A astrologia é uma linguagem cósmica. Todo instante do tempo tem uma "mensagem" a comunicar a todo ponto do espaço. O todo está constantemente comunicando-se com suas partes componentes, mas elas não podem ouvir porque estão principalmente preocupadas em manter seus limites protegidos contra qualquer comunicação perturbadora demais. Deveriam perceber que a própria forma dos limites revela sua identidade "celeste". O universo é o lado de fora da forma; a personalidade é o lado de dentro. A forma — isto é, a individualidade — não separa; ela *define o significado* daquilo que estrutura.

Tudo isto pode ser aplicado à Astrologia. O mapa natal é o universo conforme um indivíduo humano o vê; mas é, também, o indivíduo tal como o universo lhe responde. O nome que os pais dão a uma criança estabelece o caráter da relação dos pais (e de sua comunidade) para com a criança. O mapa natal de um indivíduo é seu Nome celeste — o Nome dado a ele pelo todo universal, isto é, por Deus. Aceitará o indivíduo esse nome, esse padrão específico de relacionamento com o universo? Aceitará isso como um karma-yogue aceita e deseja seu destino com disposição imparcial, isto é, sem apego a sucesso ou fracasso, a prazer ou dor, a alegria ou tristeza, a riqueza ou pobreza?

Em aproximadamente quatro décadas de convivência com a astrologia, observei que os assim chamados aspectos críticos parecem trazer, a uma pessoa astrologicamente consciente deles, confrontos mais agudos e freqüentemente mais desconcertantes do que traziam antes de ela saber algo sobre Astrologia. A explicação psicológica pode ser que, consciente ou inconscientemente, ela esperava ou, provavelmente, temia estes confrontos; mas isto pode não ser uma explicação suficientemente profunda. Pode ser que ao estabelecer um contato consciente com seu Nome celeste (seu mapa natal) o indivíduo se tornou mais aberto a uma torrente do karma, retida, por assim dizer, em suspensão no seu inconsciente, e se tornou mais propenso a aceitar ao máximo sua vazão.

Eu diria, na verdade, a qualquer pessoa que procure adquirir perícia em conhecimentos atrológicos: Você está pronto e disposto a conhecer completamente seu destino? Você está concentrado realmente em descobrir seu Nome verdadeiro? Se não, desista da Astrologia. Ela poderia trazer-lhe somente confusão. A astrologia verdadeira está "além do bem e do mal", conforme estes termos são geralmente interpretados em nossa civilização supostamente cristã. Ela é um caminho para uma filosofia de vida que é exigente de uma maneira e a um ponto com a qual talvez você não esteja absolutamente acostumado. Ela é uma aplicação dessa filosofia — de uma maneira totalizante e ciclocósmica de harmonização com o universo. Para seguila, você tem de esquecer muitas crenças tradicionais. O que você poderá obter por esse meio é simplesmente a capacidade de qualificar-se para uma participação mais profunda no processo de nascimento de uma nova humanidade.

IVPITER

LEIA NO PRÓXIMO NÚMERO:

Livio Vinardi: a energia astral e o espírito humano

Em entrevista exclusiva para Júpiter, o físico argentino, mundialmente famoso por suas pesquisas de comprovação experimental da alquimia e da magia, fala da astrologia pitagórica, da reencarnação, das escolas esotéricas e da astrologia como ciência.

Alquimia moderna: uma visão integrada da psicologia e da magia

Reedição, em capítulos, do livro em que o psicólogo Juan Alfredo César Müller mostra a herança do hermetismo para a psicologia moderna.

Fundamentos geométricos da interpretação astrológica

O astrólogo Dane Rudhyar mostra o simbolismo das formas geométricas e sua aplicação em astrologia

E MAIS:

INDICE REMISSIVO COMENTADO (DICIONÁRIO DE ASTROLOGIA)
Relação alfabética dos assuntos de cada número, com explicações complementares, para orientar o leitor, que constituirão um verdadeiro Dicionário de Astrologia.

As doze Tarefas

por Martin Schulman

Esta "alegoria", como o próprio autor a chama, foi publicada originariamente como um posfácio do livro **Karmic astrology: the Moon's nodes and reincarnation** *(Wellingborough, Northamptonshire, The Aquarian Press, 1977, vol. I, pp. 124-127), de onde o transcrevemos. O autor é um astrólogo inglês, diretor da Essene School of Astrology e autor de vários trabalhos, sobretudo a respeito da astrologia hindu.*

...E naquela manhã, Deus compareceu ante suas doze crianças e em cada uma delas plantou a semente da vida humana. Uma por uma, cada criança deu um passo à frente para receber o dom que lhe cabia.

"Para ti, Áries, dou a primeira semente, para que tenhas a honra de plantá-la. Para cada semente que plantares, mais outro milhão de sementes se multiplicará em tuas mãos. Não terás tempo de ver a semente crescer, pois tudo o que plantares criará cada vez mais e mais para ser plantado. Tu serás o primeiro a penetrar o solo da mente humana levando Minha Idéia. Mas não cabe a ti alimentar e cuidar dessa idéia, nem questioná-la. Tua vida é ação, e a única ação que te atribuo é a de dar o passo inicial para tornar os homens conscientes da Minha Criação. Por esse trabalho, Eu te concedo a virtude do Respeito por Ti Mesmo".

Silenciosamente, Áries retornou ao seu lugar.

"Touro: A ti Eu dou o poder de transformar a semente em substância. Grande é a tua tarefa, e requer paciência; pois tens de terminar tudo o que foi começado, para que as sementes não sejam dispersadas pelo vento. Não deves, assim, questionar; também não deves mudar de idéia no meio do caminho, nem depender dos outros para a execução do que te peço. Para isso Eu te concedo o dom da Força. Trata de usá-la sabiamente."

E Touro voltou para seu lugar.

"A ti, Gêmeos, Eu dou as perguntas sem respostas, para que possas levar a todos um entendimento daquilo que o homem vê ao seu redor. Tu nunca saberás por que os homens falam ou escutam, mas em tua busca pela resposta encontrarás o Meu dom, reservado para ti: o Conhecimento."

E Gêmeos voltou ao seu lugar.

"A ti, Câncer, atribuo a tarefa de ensinar aos homens a emoção. Minha Idéia é que provoques neles risos e lágrimas, de modo que tudo o que eles vejam e sintam desenvolva uma plenitude desde dentro. Para isso Eu te dou o dom da Família, para que tua plenitude possa multiplicar-

se.''

E Câncer voltou ao seu lugar.

''A ti, Leo, atribuo a tarefa de exibir ao mundo Minha Criação em todo o seu esplendor. Mas deves ter cuidado com o orgulho, e sempre lembrar que é **Minha** Criação, e não tua. Se o esqueceres, serás desprezado pelos homens. Há muita alegria em teu trabalho; basta fazê-lo bem. Para isso, Eu te concedo o dom da Honra.''

E Leo voltou ao seu lugar.

''A ti, Virgo, peço que empreendas um exame de tudo o que os homens fizeram com Minha Criação. Terás de observar com perspicácia os caminhos que percorrem, e lembrá-los de seus erros, de modo que através de ti Minha Criação possa ser aperfeiçoada. Para que assim o faças, Eu te concedo o dom da Pureza de Pensamento.

E Virgo retornou ao seu lugar.

''A ti, Libra, dou a missão de servir, para que o homem esteja ciente dos seus deveres para com os outros; para que ele possa aprender a cooperação, assim como a habilidade de refletir o outro lado das suas ações. Hei de levar-te aonde quer que haja discórdia, e por teus esforços te concederei o dom do Amor.''

E Libra voltou ao seu lugar.

''A ti, Scorpio, darei uma tarefa muito difícil. Terás a habilidade de conhecer a mente dos homens, mas não te darei a permissão de falar sobre o que aprenderes. Muitas vezes te sentirás ferido por aquilo que vês, e em tua dor te voltarás contra Mim, esquecendo que não sou Eu, mas a perversão da Minha Idéia que te faz sofrer. Verás tanto e tanto do ser humano, que chegarás a conhecer o homem enquanto animal, e lutarás tanto com os instintos animais em ti mesmo, que perderás o teu caminho; mas quando finalmente voltares a mim, Scorpio, terei para ti o dom supremo da Finalidade.

E Scorpio retornou ao seu lugar.

''Sagitário, a ti Eu peço que faças os homens rirem, pois entre as suas distorções da Minha Idéia eles se tornam amargos. Através do riso, darás ao homem a esperança, e através da esperança voltarás os seus olhos novamente para Mim. Chegarás a ter muitas vidas, ainda que só por um momento; e em cada vida que atingires conhecerás a inquietação. A ti, Sagitário, darei o dom da Infinita Abundância, para que te possas expandir o bastante até atingir cada recanto onde haja escuridão, e levar até ele a luz.''

E Sagitário voltou para o seu lugar.

''De ti, Capricórnio, quero suor da tua fronte, para que possas ensinar aos homens o trabalho. Não é fácil a tua tarefa, pois sentirás todo o labor dos homens cair sobre os teus ombros; mas, pelo jugo da tua carga, ponho em tuas mãos a Responsabilidade sobre o homem.''

E Capricórnio retornou ao seu lugar.

''A ti, Aquarius, dou-te o conceito de futuro, para que através de ti o homem possa ver outras possibilidades. Terás a dor da solidão, pois não te permito personalizar o Meu amor. Mas, para que possas voltar os olhares humanos em direção a novas possibilidades, eu te concedo o dom da Liberdade, de modo que livre possas continuar a servir a humanidade onde quer que ela necessite de ti.''

E Aquarius voltou ao seu lugar."

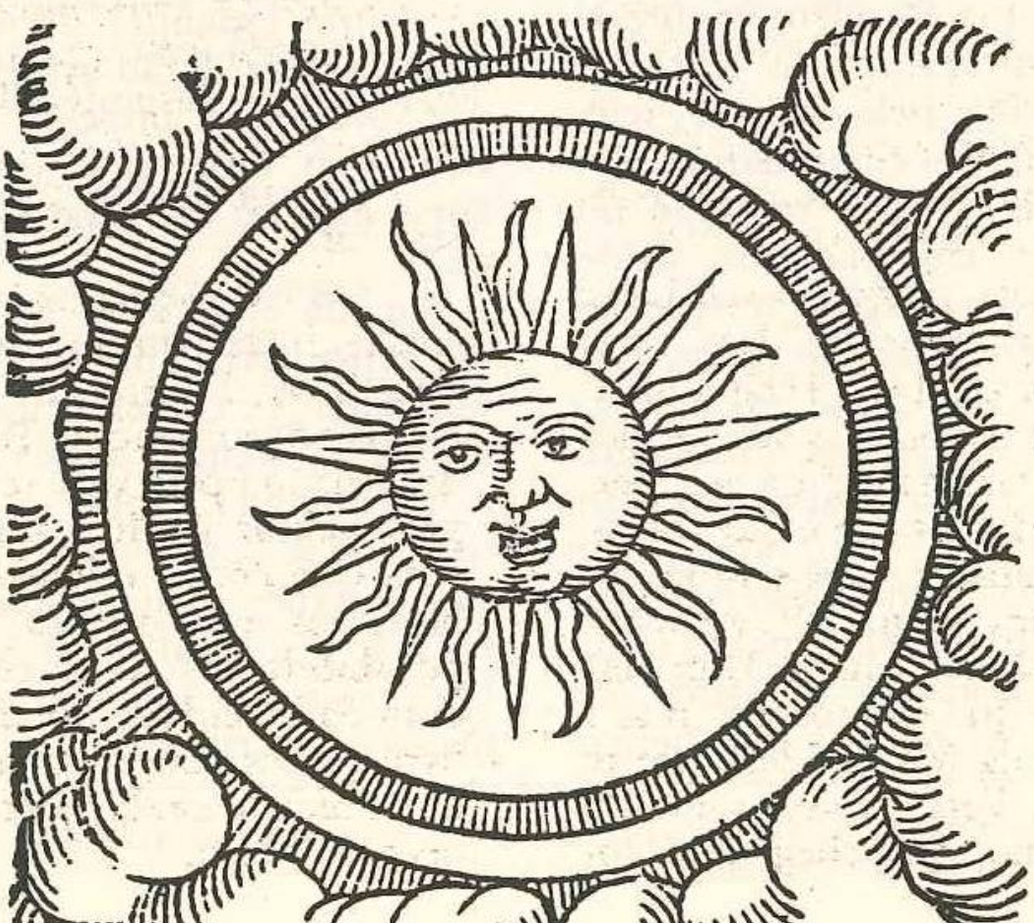
"A ti, Pisces, dou a mais difícil tarefa de todas. Peço-te que reúnas todas as tristezas dos homens e as tragas de volta para Mim. Tuas lágrimas serão, no fundo, Minhas lágrimas. A tristeza e os padecimentos que terás de absorver são o efeito das distorções impostas pelo homem à Minha Idéia, mas a ti cabe levar até ele a compaixão, para que ele possa tentar de novo. Por essa tarefa supremamente difícil Eu te faço o dom mais alto de todos. Tu serás o único de Meus doze filhos que Me compreenderá. Mas este dom do entendimento é só para ti, Pisces, pois quando tentares difundi-lo entre os homens eles não te escutarão."

E Pisces voltou ao seu lugar.

... Então Deus disse: "Cada um de vós tem uma parte da Minha Idéia. Não deveis confundir a parte com o todo dessa Idéia, nem podereis negociar vossas partes entre vós. Pois cada um de vós é perfeito, mas não compreendereis isso até que vós doze sejais **Um**. Pois então o todo da Minha Idéia será revelado a cada um de vós."

E as crianças foram embora, cada uma determinada a executar seu trabalho da melhor maneira, para poder receber o dom que lhe havia de caber. Mas nenhum entendeu plenamente sua tarefa, e quando voltaram, confusos, Deus disse: "Cada um de vós acredita que o dom do outro é melhor. Por isso, Eu permitirei que negocieis entre vós." E, por um momento, cada criança ficou entusiasmada, imaginando as possibilidades da nova missão.

Mas Deus sorriu e disse: "Voltareis a Mim muitas vezes, pedindo-Me para serdes liberados de vossas missões. E em cada vez que isso acontecer, Eu atenderei vosso pedido. Passareis através de inumeráveis encarnações antes que a missão originária que vos prescrevi esteja completada. Dou-vos um tempo infinito para que a completeis, pois só quando terminada a missão é que podereis estar Comigo."



Céu e terra: a cosmologia da cultura hispano-árabe

por Titus Burckhardt

Titus Burckhardt, um dos maiores estudiosos da tradição hermética em todo o mundo, expõe neste texto os princípios da cosmologia que, baseada na teoria dos quatro elementos, orientava todas as ciências e artes da civilização árabe implantada na Espanha durante a Idade Média. Autor de Principes et méthodes de l'art sacré (Paris, Dervy-Livres, 1976) e Cosmology and the modern world (coletânea de ensaios publicados na revista inglesa Tomorrow), ele entende que a compreensão histórica se funda sempre nos valores eternos criados pelo período ou pela civilização em estudo. Para ele, a ciência da história é a busca da eternidade nas suas manifestações temporais; as civilizações e suas obras são, assim, "lidas" pelo historiador como textos sagrados que ocultam um mistério transcendente.

Ao longo dos rios da Espanha árabe, giravam aqui e ali grandes noras [1] que freqüentemente tinham a altura de um edifício e que, movidas pela corrente, regavam as terras circundantes. Tinham pás como a roda de um moinho e, em seus aros, baldes que elevavam a água, vertendo-a, ao girar, em canais elevados, através dos quais fluía até as hortas e campos das margens. Freqüentemente os poetas árabes cantaram estas noras, gostando de compará-las com as esferas celestes, que em seu movimento circulatório arrastavam os astros, ou bem com as nuvens que bebem no mar e, subindo logo por cima da terra, produzem chuva. A nora, termo espanhol derivado do árabe na'ura, é tão atraente porque oferece a imagem de um equilíbrio insuperável e natural entre espírito humano e natureza.

Por sua origem, os árabes não são agricultores, mas sim pastores nômades e comerciantes. Mas souberam adaptar suas empresas a um método. Sobre o aspecto com que se apresentava a agricultura durante o florescimento do califado ocidental em al-Andalus, informa-nos o calendário ou almanaque escrito em 961 pelo bis-

(1) Nora: instrumento para puxar água do subsolo, constituído de uma roda ou corrente giratória à qual estão atados alguns baldes.

po moçárabe Rabi b. Zayd e dedicado ao califa al- Hakam II.

O calendário de Córdoba rege-se pelo ano solar em que também se baseiam os muçulmanos para tudo o que é relacionado com os trabalhos agrícolas, mas além disso só os cristãos o utilizam para computar o ano litúrgico. O Rabi b. Zayd não deixa de enumerar as festas eclesiásticas, incluídos os cultos a determinados sepulcros de santos, em ou perto de Córdoba, e cita igrejas e monastérios. Para os muçulmanos, o ano litúrgico é ano lunar, que consta exatamente de doze ciclos lunares e que é uns dias mais curto que o ano solar, de modo que as divisões de um e outro se deslocam em sua relação mútua com um ritmo de aproximadamente 33 anos.

A imagem cíclica da vida humana

O calendário não só indica o aspecto do céu em cada mês, quando nascem e se põem o Sol e as constelações mais importantes, quanto duram o crepúsculo matutino e o vespertino — que é importante para os muçulmanos, já que assim observam as horas prescritas para a oração — e que mudanças de tempo caberia esperar ou temer com a aparição de tal ou qual constelação. Também menciona o que se deveria plantar ou colher em um dado momento, e a conduta temporal e cíclica dos animais domésticos e selvagens.

De janeiro, se diz que a água dos rios dá a sensação de estar tépida e que da terra se desprendem vapores:

As árvores enchem-se de seiva, as aves se emparelham. Os falcões de Valença constróem seus ninhos e começam a fecundar-se. Os cavalos alimentam-se dos brotos tenros. As vacas parem seus bezerros e seu leite aumenta.

Florescem os narcisos prematuros. Levantam-se parreiras, colhe-se a cana-de-açúcar, prepara-se as conservas.

Em fevereiro

os filhotes de aves rompem as cascas. As abelhas reproduzem-se. Algumas árvores cobrem-se de folhas. Neste tempo enxertam-se brotos nobres nas pereiras e macieiras, plantam-se árvores jovens e trocam-se de lugar os plátanos. Se for necessário e caso se possa realizar sem prejuízo, praticam-se sangrias e administram-se medicamentos.

Em março, enxertam-se as figueiras. Os cereais semeados endireitam-se sobre os seus talos. Os falcões de Valença põem ovos nas ilhas e os chocam ali durante trinta dias. Florescem as primeiras rosas e os primeiros lírios. Os feijões das hortas começam a engordar. Neste mês enviam-se as cartas aos administradores para comprar cavalos para os príncipes. As abelhas preparam o mel.

Muitas plantas mencionadas pelo Rabi b. Zayd, como o damasco, o pêssego e a cana-de-açúcar, só haviam sido introduzidas pelos árabes. Sobretudo, o fundo astronômico do calendário, tanto no referente ao seu conteúdo como aos termos empregados, corresponde à sabedoria oriental. Provavelmente, inclusive, deriva-se da cosmologia dos nabateus, aquele povo aparentando aos árabes, que havia convertido o deserto da Jordânia em uma terra fértil, e que possuía conhecimentos muito extensos sobre a relação entre os movimentos celestes e o crescimento vegetal. Todos os antigos povos agricultores consideravam o céu como sede da força ativa e geradora, e a terra como sede da força paciente e receptora do univer-

so. Essa dualidade possuía, não só para os nabateus, um sentido tanto prático como espiritual: a agricultura estava relacionada com o culto à divindade.

A medicina dos quatro elementos

O calendário de Córdoba tem porém outra faceta, que não só concerne à sua aplicação agronômica, mas também medicinal. O movimento anual produz uma alteração nas quatro qualidades naturais: quente e frio, úmido e seco, as quais não só influem no crescimento das plantas, mas também no estado do corpo humano, com relação à sua disposição geral:

O mês de janeiro pertence ao inverno; as propriedades naturais que nele se mesclam são frio e umidade; portanto, o elemento que lhe corresponde é a água e o humor corporal que predomina durante esta época é a fleuma. Por isso o mais conveniente quanto ao alimento, à bebida, ao movimento e ao repouso, é tudo aquilo que aumente o calor e dissolva as superfluidades do corpo.

Para compreender estes conselhos médicos, devemos recorrer à doutrina grega antiga das faculdades naturais e dos elementos e humores correspondentes, que pode ser ilustrada por meio do esquema geométrico como o que acompanha este texto. Nele pode-se ver que as quatro faculdades naturais que produzem todas as mudanças na natureza terrestre se opõem de duas a duas, para constituir cada um dos quatro elementos: calor e sequidão se unem no fogo, frio e umidade na água; enquanto a terra participa tanto de sequidão como do frio, e o ar tanto do calor como da umidade. Daí compreende-se também que os quatro elementos, tal como os concebeu a ciência antiga, não tinham nada que ver com as matérias químicas que hoje chamamos elementos; pois não se trata daquela terra que consta de uma mescla de vários minerais, nem da água que se pode decompor em hidrogênio e oxigênio, mas de quatro manifestações básicas e típicas da existência corporal em si; poderíamos falar de um estado sólido, outro líquido, outro gasoso e outro ígneo da matéria. Não se trata de reduzir os quatro elementos a uma disposição mais ou menos densa de corpúsculos mínimos ou a outro tipo de conceito mecânico; o que importa são as qualidades inconfundíveis: fogo, água, ar e terra; elas formam as "pilastras angulares" de uma ciência natural que não é quantitativa, mas sim qualitativa.

Mas expliquemos em primeiro lugar o que se deve entender pelos quatro humores que correspondem no orgânico aos quatro elementos. Segundo os médicos árabes, que seguem os gregos antigos, os quatro humores são os materiais de construção básicos de todos os seres de sangue quente. São o produto final da digestão, depois da eliminação de todas as partes não assimiláveis dos alimentos, a partir do suco digestivo puro, do quilo; existem em forma mesclada em todo o corpo, ainda que em certos órgãos se armazene um excesso de um ou outro humor; assim, a bílis amarela tem sua sede privativa na vesícula, e a atrabílis no baço. O sangue contém sempre os quatro humores, ainda que seja distinta a sua proporção: a fleuma a engrossa, a

bílis amarela forma a sua "espuma", a bílis negra seus "sedimentos"; algo parecido se pode afirmar sobre cada um dos restantes humores; como os quatro elementos estão presentes em qualquer matéria corporal, ainda que só se manifeste um deles, nenhum aparece totalmente desprovido de mescla. Assim a saúde do organismo depende do equilíbrio dos humores, que por sua vez se consegue por meio do efeito conjunto das quatro qualidades naturais: quente, frio, úmido e seco. Uma tendência dominante ao frio conduzirá, em colaboração com a umidade, a um efeito dissolvente, e em combinação com a sequidão, ao endurecimento; segundo ocorra uma ou outra coisa, prevalecerá a fleuma ou a atrabílis. E, ao contrário, uma tendência excessiva ao calor, unida à sequidão, faz um temperamento "bilioso", e unida à umidade torna-o "de sangue frouxo".

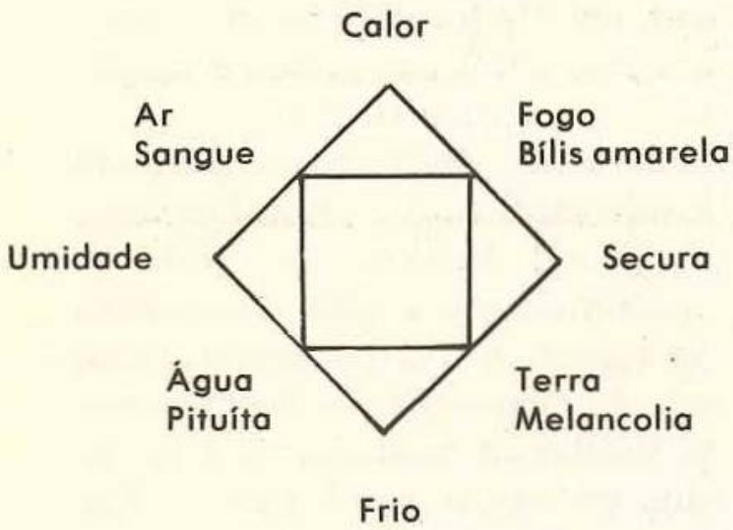
O lado psíquico das leis naturais

Se compreendemos as quatro qualidades "naturais" — quente, frio, seco e úmido — como impulsos naturais, como a expansão e contração, dissolução e solidificação, deduzimos facilmente que também se podem aplicar ao campo psíquico: a expansão corresponde ao prazer e à alegria, que em árabe pode receber o nome de "alargamento", enquanto que a contração corresponde ao medo e à angústia. Por outro lado a alma se "dissolve", se torna "líquida", quando é capaz de assimilar toda classe de formas, e se "endurece", quando permanece apegada a uma só. Segundo isto, podemos imaginar o papel que desempenhará a quadruplicidade das qualidades naturais numa arte como a música, já que é missão de uma música autêntica — e tal música não pode existir sem um fundo espiritual — restabelecer o equilíbrio da alma que pode ser apaixonada ou angustiada, difusa ou rígida, ou várias destas coisas simultaneamente, de forma muito similar ao modo como a medicina restitui o equilíbrio aos humores corporais.

O que no corpo são os quatro humores, no alaúde árabe são as quatro cordas. Estavam pintadas de amarelo, vermelho, branco e negro e correspondiam à bílis, ao sangue, à pituíta e à atrabílis. A negra estava afinada na totalidade mais elevada, e é característico que correspondesse precisamente ao elemento ínfimo. Segundo as qualidades naturais que se emparelham em cada uma das cordas, estas eram afins e opostas entre si.

Os médicos árabes da Idade Média utilizavam a música para tratar de determinados doentes mentais.

No ano de 822 chegou à Espanha, procedente da corte califal, o abbasi de Bagdá, o genial músico Ziryab, para estabelecer-se na corte de Córdoba, onde ganhou o mais alto favor do califa Abd-al-Rahman II. Não só transmitiu os usos da música persa que haviam de ter ressonâncias duradouras em al-Andalus, chegando até o popular flamengo de nossos dias, com também ensinou aos cordobeses, que até então haviam conservado um estilo de vida simples ao modo dos árabes antigos, toda classe de costumes perso-asiáticos, como o de usar roupas de diversas



cores segundo as estações ou a maneira de se adornar uma mesa festiva. Como no Japão cortesão da época Heyan, em Bagdá da alta Idade Média, influenciada pelo ambiente asiático, não se costumava escolher determinada cor para um traje de corte ou uma melodia para uma canção, sem relacioná-los com as leis cósmicas.

Este músico Ziryab, que ensinava as dez tonalidades ou "modos" da música segundo Ptolomeu, e inventava pessoalmente poemas para servirem de letra às suas melodias, modificou o alaúde habitual de quatro cordas por iniciativa própria, acrescentando uma quinta corda, intercalada entre a segunda e a terceira e tida como a segunda de cor vermelha; representava a respiração e dava ao alaúde um sentido mais fino e maior efetividade.

Por respiração (nafas) não se entende aqui só o sopro do ar mas também sua contrapartida interna: o alento vital ou espírito vital, a que os hindus chamam prana. Este não é de natureza corpórea mas representa, por assim dizer, a ponte entre a alma e o corpo. É o instrumento da alma, através da qual ela influi sobre as forças naturais latentes no corpo e mantém o equilíbrio dos humores vitais. A respiração física é, de certo modo, a imagem externa desta relação, pois tem o efeito de manter a união entre o corpo sólido, tendente à rigidez, e a força vitalizante do espaço aéreo, tal como o espírito vital une o corpo com a alma. Segundo Avicena, o alento vital difunde-se desde o coração até os membros; daí a cor vermelha, própria do sangue, que lhe atribui Ziryab.

Tanto o corpo como a alma obedecem às forças opostas que se manifestam a um nível puramente físico como o calor e frio, umidade e sequidão; a um nível orgânico, como extensão e contração, dissolução e solidificação; e a um nível puramente psíquico, como alegria e angústia, relaxamento e rigidez, ou bem o amor e o ódio, a receptividade e a imobilidade.

Por cima desses opostos e da mudança de estados produzidos por eles, está exclusivamente o espírito puro que supera a simples razão. A razão desenvolve-se segundo as formas do pensamento, enquanto o espírito intui sem mediação de nada. Porém, o espírito interpenetra todo o ser humano e se reflete no pensamento, porquanto este é capaz de cristalizar, a partir da multiplicidade ilimitada de imagens recolhidas pelos sentidos, os conteúdos essenciais. Com isto chegamos ao limite extremo do campo no qual se movia a medicina tradicional.

Astrologia como ciência da liberdade

por Olavo de Carvalho

Este artigo é a transcrição, praticamente literal, da conferência que, sob o mesmo título, o autor pronunciou no II Seminário de Astrologia, em 11 de agosto de 1979, em São Paulo. Como esta seção busca documentar a atividade cultural desenvolvida nos centros astrológicos do Brasil, a Redação julgou melhor manter o texto em sua forma originária de exposição oral.

Ciência da liberdade é uma contradição de termos, porque a ciência, como todos sabem, é a busca de leis que exprimam a regularidade dos fenômenos, a constância do encadeamento entre causas e efeitos. Por exemplo, os corpos materiais não têm nenhuma liberdade de deixar de obedecer à lei da gravidade universal. Se a ciência parece ser sempre determinismo, encadeamento, regularidade, constância e ordem, como se pode, então, falar de uma ciência da liberdade?

Outra questão que vai nos interessar nesta palestra é a seguinte. Uma coisa que sempre estranhei é que pessoas alheias à Astrologia, e que reagiam às vezes até violentamente à idéia de uma "influência astral", concordassem plenamente com a idéia de um determinismo histórico, biológico, genético, social e até lingüístico, mas não conseguissem aceitar a idéia de um determinismo astral.

Por que as pessoas que consentem em ser um instrumento passivo das forças da História e em ser um funil por onde passa a energia da História, se sentem tão humilhadas de fazer o mesmo papel perante os astros? Por que a estrutura da sociedade onde estou deve merecer mais autoridade sobre a minha pessoa do que Saturno ou Plutão? Por que o DNA deve ter um cargo de mais importância do que os planetas? Sempre pensei muito sobre isso e cheguei a uma conclusão do porquê dessa reação.

Para chegar a responder a ambas as questões, preciso dar algumas noções para aqueles que não são meus alunos e a estes peço desculpas por ter de repisar alguns tópicos.

A Astrologia, como vocês sabem, tem várias escolas, correntes e sistemas de interpretação. Há várias teorias. Mas, se entre toda essa variedade de sistemas, tentarmos ver o que é essencial na Astrologia, vamos ver que sempre, e independentemente das explicações que os astrólogos dêem para o fenômeno, em toda parte se trata, na Astrologia, de uma comparação entre dois sistemas ou organismos: Céu e Terra. De um lado temos um sistema, que denominamos sistema celeste, que é constituído pelo movimento dos planetas, pelas distâncias angulares entre eles ou com relação ao horizonte da Terra, e assim por diante. É muito fácil verificar como isto é um sistema. Os planetas não se movem arbitrariamente. Eles têm uma determinada regularidade. Então, não se trata de um caos celeste, mas de um sistema celeste. O ou-

tro item da comparação se denomina sistema terrestre. Este já é mais sujeito a dúvida, porque nada nos garante, em princípio, que a existência terrestre, que a experiência nossa sobre a Terra constitua um sistema e não um caos. Mas todas as ciências, todo o conhecimento repousa neste pressuposto do caráter sistemático da nossa experiência.

A Astrologia parte de uma comparação entre dois sistemas ou organismos: o terrestre e o celeste. Comparação é sempre a redução de dois termos a uma medida comum. Se não houver nada em comum entre duas coisas, não posso comparar. O que há de comum entre o sistema celeste e o terrestre é simplesmente que utilizamos o mesmo modelo para descrever um e outro. Quando queremos fazer um mapa do céu, esse mapa adquire a forma circular ou a forma de uma imagem esférica projetada sobre um plano, portanto um círculo. Por outro lado, quando queremos representar alguma totalidade, utilizamos também um círculo.

O simbolismo do círculo

Vocês vêem o grande número de palavras associadas a círculo ou a esfera — "raio de ação", "esfera de influência", "órbita de poder" etc. — que usamos para designar o que é total, global, inteiro. Falamos das coisas "globais" no próprio gesto redondo e abrangente que fazemos com as mãos para indicar a totalidade como se quiséssemos imitar uma bola ou empacotar o mundo. Isso indica que representamos a totalidade por um círculo ou esfera.

Essa totalidade é sempre inacessível ao conhecimento aqui e agora: nunca posso ter o conhecimento de todos os setores da realidade, de todos os setores da possibilidade no mesmo instante. Mas, do mesmo modo, quando desenho uma carta do céu, uma carta celeste, também estou desenhando uma impossibilidade ótica, porque faço uma roda assinalando onde estão Saturno, Urano, Netuno, Plutão, etc., mas é evidente que não posso olhar para 360 graus ao mesmo tempo. Então, tanto o círculo, no sentido simbólico, como símbolo da totalidade, quanto o círculo meramente geométrico com que desenho a carta do céu não são retratos nem do sistema terrestre, nem do celeste, mas abstrações. E toda ciência começa sempre com abstrações.

Quando assinalo, no círculo celeste, um ângulo qualquer, estou apenas assinalando uma distância entre dois pontos. É um fenômeno puramente matemático: um ângulo entre dois pontos, quer haja algum planeta efetivamente ou não nesses pontos. Mas, quando assinalo o mesmo ângulo no círculo com o qual eu represento o sistema terrestre, estou tentando insinuar não simplesmente uma distância matemática, mas uma relação de significado entre dois pontos. Porque o sistema celeste, no sentido em que nós empregamos o termo, é constituído apenas de movimentos de corpos. É um fenômeno puramente visual. Mas o sistema terrestre não é um sistema puramente visual, mas um tecido de significados. Então, com esses dois círculos, eu represento, de um lado, um conjunto de medidas ou de distâncias possíveis. No outro círculo, com que represento o sistema terrestre, indico várias relações de significado entre os setores da experiência. Sempre digo "da experiência" e não "da vida humana", porque a Astrologia não estuda somente a vida humana: podemos fazer mapa de uma galinha, de um cachorro, de um acontecimento, e estudar qualquer dessas coisas mediante o sistema astrológico.

Se estou tentando descrever, inicialmente, o sistema celeste, um ângulo designa apenas uma distância puramente matemática, mas aplicado ao sistema terrestre ele vai designar uma relação de significado entre dois

setores da experiência. Então, o círculo dividido em ângulos é o modelo que usamos para descrever os dois sistemas, e a unidade desse modelo é o que permite a existência de algo assim como a Astrologia.

Os ângulos têm significado. Existe um axioma em Astrologia, que é o seguinte: se um ângulo separa um ponto A de um ponto B, não no céu, mas na experiência terrestre, qual é o significado desse ângulo, e, portanto, qual a relação que há entre o ponto A e o ponto B na experiência terrestre — na minha existência, suponhamos? O axioma é o seguinte; o significado de uma relação entre dois pontos é dado pelo significado do número divisor com que obtive esse ângulo. Este ângulo divide, por exemplo, o círculo em dois. A relação entre A e B é marcada pelo número dois e ela vai ter o significado do número dois (Fig. 1). Aqui entre B e D ou A e C o significado do quatro e assim por diante.

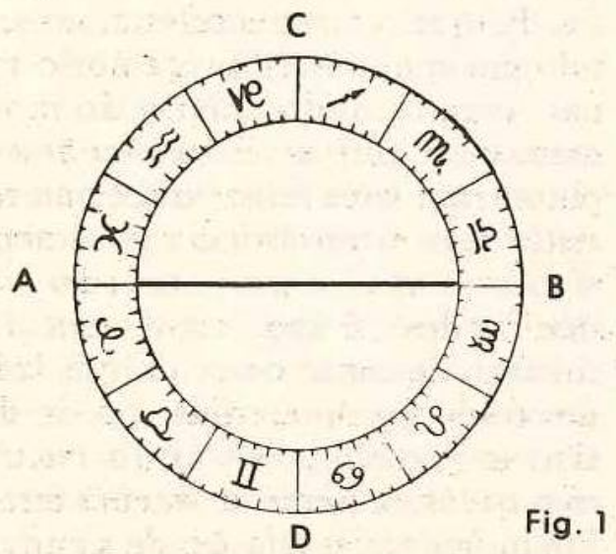


Fig. 1

Em última análise, todo o edifício astrológico repousa na idéia de um significado dos números. Essa idéia, para muitas pessoas de formação moderna, parece um pouco repugnante. Porque estamos acostumados a pensar que os números são meros instrumentos de contagem, e que qualquer significado que a gente atribua a eles vai ter sempre um caráter místico impossível de demonstrar. Se partimos do ponto de vista que os números são instrumentos de contagem, definimo-los pela sua utilização na contagem, como o faz a maioria dos livros de introdução à matemática. Neste caso, os números não têm significado, pois são apenas repetições da unidade. Dois é um mais um, três é um mais um mais um, etc.

Agora, o ser humano, quando nasce, não têm a menor idéia da multiplicidade das coisas. Para ele é tudo "um", uma única pasta indiferenciada; é tudo uma unidade. Pergunto: se essa unidade nunca tivesse se rompido, o que iríamos contar? A contagem é sempre contagem de unidades distintas, e portanto não poderia começar antes que o todo se tivesse diferenciado em partes autônomas. Tanto do ponto de vista lógico como do ponto de vista da história psicológica do indivíduo e da espécie, definir os números pela sua utilização na contagem é uma impossibilidade. A contagem não é nada mais do que a utilização social-prática da tendência inata do cérebro humano para dividir e categorizar o mundo segundo as leis da própria estrutura da percepção — ou seja, da tendência orgânica para dividir e estruturar. Dividir e estruturar é a operação básica. Contar é apenas uma atividade secundária e derivada.

Suponhamos que a experiência humana seja também uma pasta, um caos, como por exemplo na hora turva em que emergimos do sono. Não sabemos onde estamos, para onde nos dirigimos, nem nada. Então, estabelecemos um mapa, um "para frente", um "para trás", um "abaixo", um "acima". Isto vai ser o fundamento, muito simples, da Astrologia, e o significado dos números vai meramente derivar das sucessivas experiências que nos levam a tomar contato com as formas lógicas desses números, ou seja, há uma determinada fase na evolução do indivíduo onde ele toma consciência da dualidade, da trindade, da quaternidade, etc., à medida em que "mapeia" a totalidade circundante para estruturar o campo da experiência e poder orientar-se. É uma experiência banal, que todos nós tivemos. O fato é que

quando entramos na escola, ao invés de nos ensinarem a dividir primeiro, e a contar depois, eles fazem o contrário. Isto vai criar para nós uma duplicidade eterna da idéia de número: de um lado, sabemos que existe uma experiência vivida e real da dualidade, por exemplo, no momento em que hesitamos entre duas decisões alternativas. De outro, afirmamos — porque nos ensinaram — que os números não têm significado.

Por um lado, temos o número como forma lógica, que é, por exemplo, a dualidade, a trindade, etc. Por outro lado, temos o número como instrumento de contagem. Notem que podemos utilizar os números como instrumentos de contagem sem estarmos conscientes do significado de cada um.

A experiência da dualidade, ou seja, da separação, da ruptura, que em psicologia é a ruptura da união dual mãe-filho, vai ser um momento angustiante para a criança. Ela vai sentir

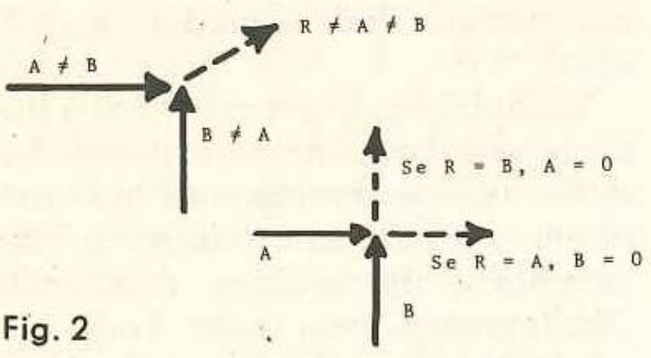


Fig. 2

que o Universo perdeu a sua base, o seu fundamento, e que, de certo modo, é impossível ficar assim. Por que? Vou explicar um pouco o significado desse dois.

Suponhamos que eu tenha aqui (Fig. 2) um vetor, que eu denomino de A, e um outro, que eu denomino de B. Se não tenho uma resultante R que seja diferente de A e de B, então, a resultante ou é igual a A ou é igual a B. Agora, se a resultante é igual a A, então B é igual a zero. Então, não é dois, é um. Se R é igual a B, então também não são dois vetores, mas um. Ou seja, o dois é a forma do impensável. Não consigo imaginar nenhum fenômeno que seja constituído apenas de duas etapas. Há um elo qualquer entre elas e esse elo é justamente o três, o terceiro elemento. Eu costumo dar, nas aulas, o seguinte exemplo: Quero pôr uma carta no correio. O correio está aberto ou está fechado? Se só tenho essas duas alternativas não tenho mais nada. A pergunta é indecídivel, ou seja, se não caminho até o correio, se não busco de alguma maneira essa informação, não tenho a resposta. Esse buscar, esse sair andando ou alguém me trazer a informação é o terceiro elemento. Então, o dois é a forma do impensável. E o três é a forma do quê? É a forma do movimento que restabelece a harmonia do conjunto e a possibilidade das coisas.

Um outro exemplo: se eu atiro um giz para cima, quantas etapas tem este movimento? Se tivesse uma só, subindo, o giz continuaria eternamente em movimento retilíneo e uniforme; não pararia nunca. Se quando ele chegasse a um determinado ponto, encontrasse uma resistência e parasse, então seria o vetor dois. Se houvesse só duas etapas, o giz pararia no ar, o que também é impensável. Então, o mínimo de etapas que eu preciso para descrever qualquer coisa que se desenvolva no tempo é três. Isto se chama, na lógica, tese, antítese e síntese. Então, o dois, qualquer situação manifestamente dual, que não tenha possibilidade de um terceiro para decidir, me leva à angústia, ao medo. E o três é aquele que restabelece o sentido das coisas. No momento em que, por exemplo, várias coisas tenham dado errado na minha vida, em que todos os meus planos tenham ido por água abaixo, sinto, de repente, que há uma diferença entre mim e o mundo; que há um buraco entre os dois: eu de um lado e o mundo todo do outro lado: estou experimentando, novamente, a fórmula lógica do dois. E o três é aquilo que restabelece

o movimento, e, portanto, me devolve a harmonia, a união e o fluxo.

Vocês vêem, então, que os números têm significado, e que eles não são apenas simples ferramentas de contagem, mas formas que estruturam toda a nossa percepção da realidade. Aí a gente começa a ver que a idéia de Pitágoras, de que o fundamento de tudo são números, não é tão boba quanto dizem.

Notem bem que, às vezes, é difícil a gente passar para o três. Às vezes o nosso pensamento só tem realmente duas formas.

Freqüentemente, quando lemos uma carta astrológica para um aluno e estamos descrevendo um aspecto qualquer, ele pergunta: "Isto é bom ou é ruim?". Eu digo: "Não sei. Porque dizer que algo é bom ou ruim leva-nos a exprimir tudo sob dois termos. Não é que o bem ou o mal não existam. Existem, objetivamente, mas são só dois lados de uma coisa que tem muitos lados."

É por isso que, no Cristianismo, por exemplo, se fala de uma Santíssima Trindade e de duas formas do Diabo: Lúcifer, o diabo do espírito, da luz, o que cega e queima, e Satã, que é o diabo das trevas, da matéria. Então, é o Absoluto Bem e o Absoluto Mal sem nenhum elo entre os dois. Ao passo que a Divindade nunca se apresenta com esta forma manifestamente dual, mas sempre trina, com a passagem entre um aspecto e outro.

Isso tem uma comprovação psicológica mediante o estudo do simbolismo dos números no sonho.

Um psiquiatra austríaco, Ludwig Paneth, estudando a simbologia dos números no sonho, observou que eles apareciam sempre com os mesmos significados, e que esses significados eram exatamente os que estou dizendo aqui. (1) O dois aparecia em situações onde havia uma ruptura do indivíduo consigo mesmo; quando ele estava numa situação indecidível. E o exemplo clássico que costumo dar na aula é o de uma paciente do dr. Paneth. Ela sonhava que se encontrava com a avó duas vezes na rua, e nas duas vezes elas discutiam. O dr. Paneth partia do pressuposto de Freud de que o sonho é a projeção de um desejo. Então ele se perguntava: "Se ela queria discutir com a avó, por que simplesmente não sonhou de uma vez, discutiu e está acabado? Por que ela teve de reiterar? Se ela reitera, é porque há uma dúvida." Ele perguntou à paciente como eram as suas relações com a avó. Ela respondeu o seguinte: "Minha avó, quando eu era pequena, bebia, e por isso criava várias situações de vexame para a família. Mas, por outro lado, ela era uma pessoa de muita personalidade, de muita autoridade e, além do mais, era quem sustentava com suas rendas toda a família." Então, ninguém podia reclamar, mas também ninguém podia estar contente. Portanto, a paciente tinha atravessado essa situação de dualidade, situação totalmente indecidível até aquele momento.

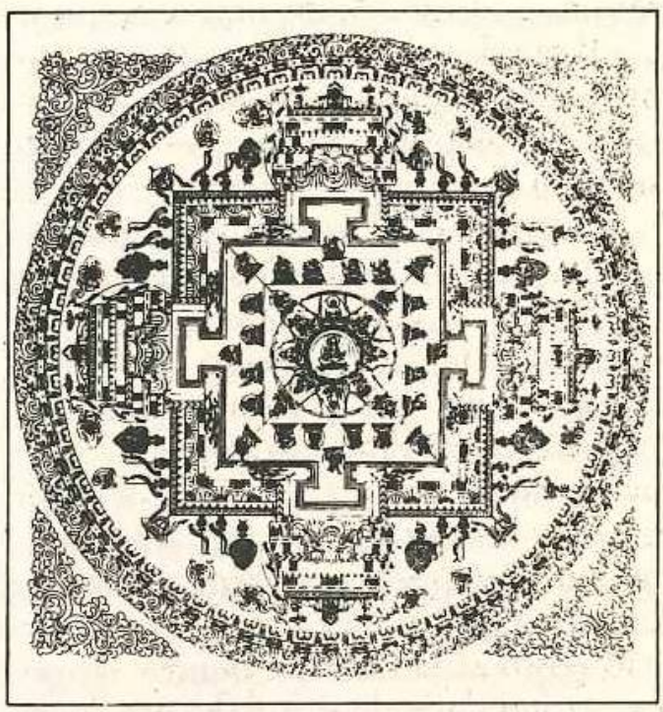
O sonho de dois, esse psiquiatra interpretava como indicação imediata para a terapia. E, após algum tempo de terapia, a paciente começava a sonhar com o três, ou seja, tinha restabelecido o movimento; tinha encontrado uma saída.

Nesse estudo do dr. Paneth, o sonho com o quatro expressava sempre um conflito ainda mais agudo, ou seja, a duplicação de um conflito, ou uma situação que se formara sem nunca mais mudar, e que era impossível resolver. Um exemplo era de um paciente homossexual que sonhava ter colocado dois pares de sandálias na porta, para que viesse o sapateiro "não para consertá-las, mas apenas para limpá-las". O dr. Paneth interpretou o sonho da seguinte maneira: o paciente queria fazer uma terapia para se livrar da angústia e do ônus social da condição homossexual, mas não desejava ser curado da homosse-

(1) L. Paneth, *La Symbolique des nombres dans l'inconscient*, trad. francesa, Paris, Payot, 1976.

xualidade. Na verdade, ele estava querendo a quadratura do círculo. Também uma situação indecidível, e que, no caso, dizia respeito ao confronto entre um indivíduo e os limites do mundo real. O quatro surgia sempre, nessa coletânea de sonhos do dr. Paneth, como um símbolo dos limites do mundo real. (2)

Nos mandalas tibetanos (mandalas são representações concêntricas e dinâmicas da totalidade do universo), o universo aparecia sempre com uma forma circular, ou seja, a totalidade do possível, mas, dentro desse círculo, surgia às vezes um quadrado. Quando se perguntava o que era esse quadrado, o artista respondia: Isto é o palácio do Imperador. Ou seja, dentro do círculo ou dentro da totalidade do possível havia um mundo de criação humana, o mundo da instituição, da norma, da lógica e da lei. Era o mundo que tinha tomado uma forma e se recusava a mudar. Então, o



quatro como a efetivação de uma forma, uma forma que não muda mais. (Fig. 3)

Tudo isto foi dito para vocês, para mostrar o que a Astrologia começa a fazer com o círculo.

Se entendermos o círculo como representação da totalidade da nossa experiência e o dividirmos em dois, em três, em quatro, vamos ter determinadas relações específicas entre pontos. Se eu divido a totalidade da experiência entre um ponto C e um ponto B, marcando um ângulo de 180°, isso significa que entre C e B há um tipo de relação que é a dualidade, que é ao mesmo tempo a exclusão mútua e a impossibilidade de se ter uma coisa sem ter a outra. Os dois, como vimos, é a forma do insustentável. Portanto, é um tipo de questão como a do ovo e da galinha: o que veio primeiro? Esta questão é indecidível, mas, se repararmos bem, se pusermos o terceiro elemento (e o terceiro elemento é sempre movimento, evolução), vamos ver que o ovo e a galinha são simplesmente dois nomes que damos para a mesma coisa, tomada em duas fases diferentes da sua história. Não há galinha que não tenha sido ovo algum dia, nem ovo que não tenha na sua origem a galinha, ou que não contenha em si em forma potencial um galináceo macho ou fêmea, ou seja, ovo e galinha são dois nomes e dois capítulos diferentes da

(2) Os ângulos correspondem ao que, na astrologia prática, se denomina "aspectos". O ângulo de 180 graus equivale portanto ao aspecto denominado "oposição". A carta astrológica onde surja uma oposição reflete portanto uma dúvida insolúvel, uma oscilação perpétua entre dois pontos-de-vista. Assim, uma pergunta inicial multiplica-se em infinitas perguntas possíveis que vão acompanhando o desenrolar da situação (ou a vida do indivíduo, se se tratar do mapa de uma pessoa). O dois significará então também o reflexo, a reverbação, a multiplicação de perspectivas. Associa-se, portanto, à idéia de crescimento, de povoamento, de produção. Os signos, pela ordem, adquirem assim o mesmo significado dos números ordinais que os definem: Áries, primeiro, um; Touro, segundo, dois; Gêmeos, terceiro, três. É interessante verificar que a produção infinita de pontos-de-vista representará o crescimento e o fortalecimento da consciência e do estado de alerta, enquanto Touro está associado também ao crescimento, ao fortalecimento, à produtividade.

mesma história. Assim, também, o C e o B são dois nomes diversos da mesma coisa, de modo que, se opomos irredutivelmente um e outro a questão se torna insolúvel.

A dualidade é uma divisão lógica, que, entretanto, não corresponde à estrutura real do mundo. Então, o dois é também o sinônimo da ilusão, da ilusão do entendimento. Portanto, quando divido o círculo em suas partes constituintes, estou assinalando relações entre áreas da minha experiência e estou fazendo o quê? Estou conseguindo estruturar algo que não posso abarcar. Eu não posso abarcar a totalidade da minha experiência com a mão, mas posso estruturá-la e ver as várias relações que há entre pontos.

A estruturação da totalidade possível da experiência, esta é a primeira operação donde nasce a Astrologia.

Liberdade e escolha

Um filósofo chamado Boécio definia a eternidade como a posse inteira, perfeita e integral de todos os seus momentos. A eternidade não é a vida que dura para sempre. Isto é outra coisa. Isto é simplesmente a imortalidade. Nós não somos eternos, porque temos que viver os momentos de nossa vida um a um e nunca temos todos ao mesmo tempo. Não conseguimos escapar dessa prisão do tempo, ou seja, desse encadeamento dos sucessivos instantes. Por exemplo, quando sentimos uma dor, desejamos abreviar essa dor, vivê-la toda de uma vez, e viver ao mesmo tempo a dor e a sua supressão, a sua ausência. Isto é impossível, por causa da nossa condição temporal, porque temos que viver as coisas uma a uma. Significa que, quando nos encaixamos nessa fileira do tempo, necessariamente perdemos essa totalidade, perdemos essa posse inteira e perfeita de todos os nossos momentos, e, por isso, nos tornamos prisioneiros.

Se não tenho, na minha cabeça, a posse inteira e perfeita de todos os meus momentos, não compreendo, necessariamente, as coisas que me acontecem hoje, pois estou vendo apenas uma parte. Se estou vivendo no tempo, é absolutamente necessário que veja parte por parte e nunca o todo.

Agora, o que aconteceria, se eu pudesse, mediante algum tipo de recurso intelectual, ter um vislumbre dessa posse inteira e perfeita de todos os meus momentos?. Eu poderia estar mais próximo da idéia de eternidade. Eu poderia, portanto, me sentir um pouco mais livre da prisão do tempo, e, eventualmente, rearticular a minha existência nos tempos por vir. Mas não é exatamente isso que faz o astrólogo quando começa a estruturar essa totalidade? Já que não posso apreender um por um todos os elementos que constituem a totalidade possível, será que não posso ter ao menos um idéia prévia, uma idéia a priori das relações entre as partes dessa experiência possível? Ou seja, não posso eu ter uma idéia da forma da totalidade da minha existência? Isto é exatamente o que faz um astrólogo. Quando falamos em determinismo e liberdade, não nos esquecemos de que estes dois termos são, novamente, só dois aspectos de uma coisa? Os termos são excludentes, mas um se define pelo outro, ou seja, a nossa vida muito provavelmente se estrutura em faixas que vão desde um determinismo quase absoluto até faixas onde eu tenho uma escolha muito ampla. Por exemplo, eu não posso escolher a forma do meu corpo. Isto está dado. Não posso escolher a família onde nasço. Isto também esta dado. Não posso escolher uma série de desejos de origem familiar, que já estão aí e eu não posso alterar mais. Mas tenho faixas de destino, para diante, em que posso mexer. Posso escolher uma profissão, por exemplo; posso, em termos, escolher quem vão ser os meus companheiros de vida. Então, na hora em que levantamos um mapa

astrológico, vemos que ele nunca é o mapa de uma pessoa, mas de um momento, e que, nesse momento, muitas coisas estavam acontecendo além do nascimento: os carros continuavam rodando pelas ruas, os fatos continuavam se dando. Por que, então, ver o mapa unicamente como retrato da minha vida e da minha personalidade já conhecidas? Pelo estudo do mesmo mapa eu não obteria um vislumbre de todas as outras possibilidades que aquele momento me reservava? O mapa é assim, também e essencialmente, o mapa do que não fui, o mapa das minhas possibilidades latentes, o mapa do meu tesouro oculto.

A relação entre o ponto A e o ponto B é a mesma em qualquer dos níveis de realidade daquele momento, mas, se a relação está dada, o nível não está. Se estou acostumado, condicionado a ver as coisas de determinado modo, é porque vi somente o primeiro desses círculos de possibilidade: aquele do meio onde fui criado. Não vi ainda, a estrutura integral daquele momento, e todas as coisas que ele me oferecia! Estou acostumado a ver o meu mapa como o meu mapa. Mas, quando passo a ver as coisas de um ponto de vista um pouco mais amplo, vejo que ali há muitas coisas acontecendo, em que não mexi, nem 0,0001 por cento. O estudo do mapa astrológico é o estudo do que o indivíduo é? Não, não é o estudo do real, mas do possível. O real é a atualização, aqui e agora, do possível. Quando estudo o real, estudo o que já aconteceu, o que está determinado, o que já obedece a regularidade, ordem e lei, mas, quando estudo a estrutura do momento, estudo o que não aconteceu, o que não vi, aquilo que ainda está aberto para mim. É nesse sentido que falo de uma Astrologia como ciência da liberdade: qualquer momento oferece muitas variantes. O astrólogo me revela as que ainda não tentei.

Suponhamos que eu tome este círculo como símbolo da minha existência familiar. Então, o mapa vai me dar a estrutura da minha situação familiar. Outro círculo, de igual estrutura eu tomo como um sinal da estrutura social onde estou, do momento da vida da sociedade. Outro, eu tomo como o sinal da estrutura do meu corpo. E o outro como o sinal da estrutura das idéias que estão em jogo em determinado momento. Bem, a estrutura de todos ainda é a mesma, mas não está dito em qual dessas esferas vou viver essa estrutura. Isto está sempre em aberto. Portanto, quando se estuda um mapa, para descrever o que uma pessoa já é, está-se simplesmente jogando fora todo o reino das possibilidades que a Astrologia oferece. A Astrologia é muito mais o estudo do possível do que o estudo do real já efetivado. Quanto mais nos afastamos do que a pessoa já é, mais vamos vendo que, com aquela mesma estrutura astrológica, com a mesma configuração, com aquela mesma constelação, ela poderia ter vivido muitos outros destinos. Vemos, então que tudo isso, de certo modo, foi oferecido a ela por aquele instante. Todo esse jogo imenso de possibilidades foi oferecido.

Vou ler aqui um texto curtinho da República do Platão, onde ele exprime de maneira muito mais sintética, essa idéia. Diz ele:

"A vida nossa se afunila para entrar no fio do tempo, e, à medida que entramos nesta existência seqüencial, perdemos todas as possibilidades que estavam em aberto num plano eterno."

Vemos que isso não depende de nada místico. É um simples descrição da existência humana. O texto está no fim do livro.

Continua Platão, narrando o que o personagem, denominado Er, viu no reino dos mortos:

"Chegaram ao reino dos mortos. Uma vez chegados ali, tiveram de acercar-se, sem demora, do trono de Laquesis, onde um adivinho procedia à prévia colocação das almas e, logo depois de ter tomado do colo de La-

quesis os pacotes de modelos de vida, subia até uma tribuna para proclamar. Eis aqui o que diz a virgem Laquesis, filha da Necessidade: "Almas efêmeras, vai começar para vós outras uma nova carreira mortal num corpo que também é portador da morte. Não há de ser um Ser divino aquele que escolha a vossa sorte, senão vós outras mesmas é que a escolhereis. A primeira na ordem da sorte, uma vez distribuídos os números, será a primeira a escolher esta nova vida, e esta escolha é irrevogável. Mas a virtude não tem dono. Cada uma a possuirá em maior ou menor grau, segundo a honra ou o menosprezo que lhe atribua, conforme a aprecie ou não. A responsabilidade será de quem a escolha, porque a divindade é inocente." Logo depois de ter falado, jogou uns pacotes sobre a multidão de almas e cada uma recolheu o que havia caído ao seu lado, salvo eu, que estava ali apenas de testemunha, à qual não foi permitida escolha. Com o pacote na mão, ficava claro para cada alma qual era o número de ordem, que lhe cabia na escolha. Em seguida, o adivinho jogou por terra, diante delas, modelos de vida, que superavam em muito o das almas presentes. Havia modelos de toda classe. Podia-se, pois, escolher vidas de quaisquer dos animais e dos homens. Por exemplo, vidas de tiranos que tinham cumprido os seus ciclos e outras que, truncadas pela metade, concluíram no desterro, na pobreza e na mendicância. Viam-se também, vidas de homens de grande prestígio; uns pelo seu porte, pela sua beleza, pela sua força ou pelo vigor que demonstravam na luta. Outros pela sua progênie ou pelas virtudes de seus antepassados. Mas também havia vidas de homens sem valor algum e de mulheres na mesma condição. Não se dispunha, entretanto, ordem de preferência das almas, portanto a escolha de cada alma ia obedecer, por necessidade, ao seu próprio critério.

"Todo o resto, e contemos aqui a riqueza, a pobreza, as enfermidades e a saúde, se encontrava misturado numas e outras vidas, mas algumas vezes num justo meio termo. Nesta conjuntura, o perigo, segundo parece, era grande para o homem, daí que se deva cuidar sumamente, por cima de qualquer outro ensinamento, que cada um de nós se dedique à busca e ao aprendizado e de tudo aquilo que lhe dê poder e conhecimento para distinguir a vida útil da vida miserável. Só se poderá escolher, sempre e em todas as partes, a melhor das vidas possíveis.

De modo que, refletindo sobre tudo isto, estará em condições de escolher sempre que olhe atentamente a natureza da alma e seja capaz de distinguir a vida melhor da vida pior, chamando melhor, neste caso, o que a torna mais justa, e pior o que a torna mais injusta. Todo o demais poderá deixar de lado, porque já vimos que esta é a melhor escola para o homem, tanto nesta vida como depois da morte. Convém, pois, chegar ao Hades, ao Inferno, ao Céu, com esta opinião fortalecida, para dominar ali o desejo das riquezas e dos males, e, também, para não cair em tiranias nem em outros feitos semelhantes, causa de irremediáveis danos, inclusive de sofrimentos ainda maiores. É preciso escolher sempre uma vida intermédia, entre os extremos, fugindo, tanto nesta vida como na outra, dos excessos num e noutro sentido. Por este caminho pode chegar o homem, com efeito, a alcançar maior felicidade." (3)

É exatamente esta contemplação do *sistema* das possibilidades, não do conjunto caótico e indistinto das possibilidades de um dado instante, o que faz um astrólogo quando contempla o mapa de uma pessoa, de um momento, ou dele mesmo. E, em seguida, ele faz, como os mortos do Hades, a sua escolha.

É por isso que eu chamei à Astrologia a ciência da liberdade.

---

(3) Platão, *A República*, 621a-621d.

IVPITER

ESCOLA JÚPITER DE ASTROLOGIA
R. RAGGIO NÓBREGA, 40
(TRAVESSA DA GABRIEL MONTEIRO DA SILVA)
JARDIM AMÉRICA — CEP 01441
SÃO PAULO — SP F: 853-5946

ENSINO

Promove regularmente cursos de astrologia, para principiantes e adiantados, em vários horários.

PUBLICAÇÕES

Edita regularmente a revista *Júpiter,* a primeira publicação astrológica de circulação nacional, e vem promovendo a edição, em livro, das Obras de Emma Costet de Mascheville, cujo primeiro volume, *Elementos Básicos de Astrologia,* está em fase de impressão, devendo encontrar-se nas livrarias a partir de fevereiro de 1980.

CONSULTORIA E AULAS PARTICULARES

A Escola Júpiter dá aulas particulares de astrologia com base no *mapa astrológico de nascimento* do interessado, ensinando-lhe os princípios elementares do simbolismo astrológico a partir dos dados de sua própria vida, e fornecendo um guia de orientação para o período de um ano, de modo que ele possa reconhecer, em cada etapa, a tônica planetária predominante, harmonizando sua vida com a pulsação do mundo.

ASSESSORIA

A Escola atende a empresas e outras entidades interessadas em análises e prognósticos para determinado setor de atividades, fornecendo as informações básicas sobre ciclos econômicos e sociais, necessários ao planejamento empresarial e às atividades de direção.

PESQUISAS

A Escola vem promovendo pesquisas no setor de astrologia médica e psicológica, com a colaboração de prestigiosos psicoterapeutas de São Paulo, com o objetivo de aperfeiçoar, para uso posterior, o minucioso instrumento diagnóstico constituído pelo mapa de nascimento do paciente.

UMA NOVA MANEIRA DE ENSINAR ASTROLOGIA

por Olavo de Carvalho e Antonio Carlos Harres

Na absoluta maioria dos casos, o ensino da astrologia — quer promovido em escolas, quer o ensino transmitido através dos manuais que se encontram nas livrarias — consiste, sumariamente, no seguinte:

a) Regras para o cálculo de mapas, ora resumidas em simples indicações práticas, ora desdobradas a partir de complexas e pesadas informações astronômicas e matemáticas sem significado astrológico correspondente.

b) Descrição das ''características psicológicas'' associadas aos signos do Zodíaco, com a subsequente enumeração de seus ''defeitos'' e ''virtudes''.

c) Regras práticas para a interpretação dos ''planetas nos signos'', dos ''planetas nas casas'' e dos ''aspectos''.

d) Conselhos práticos para a interpretação de mapas, ora baseados na ''longa experiência'' do autor, ora fundados em verificações estatísticas de critério mais que duvidoso.

Às vezes, acrescenta-se, à maneira de apêndice ou de observação marginal sem nenhuma conexão lógica com o resto, um capítulo sobre os ''fundamentos'' da astrologia. Esse capítulo consiste, geralmente, em vagos apelos à ''sincronicidade'', aos ''relógios biológicos'' ou à Tábua de Esmeralda — encarregados da difícil função de explicar tudo.

Ao fim de anos de estudo, o aluno encontra-se entupido de expressões barrocas como ''júbilo'' e ''exaltação, ''maléfico'' e ''benéfico'', ''aflito'' e ''exilado'', e luta em vão com os temas astrológicos de seus amigos e familiares, tentando encaixá-los à força nesses conceitos.

O resultado de tais processos pedagógicos é claro. De um lado, a astrologia surge como um edifício inteiro e acabado *em seus mínimos detalhes,* um maço compacto de regras geométrica e minuciosamente rígidas, ante o qual a mente moderna só teria duas opções: a aceitação ou a negação em bloco. Não se distingue, sequer, entre os princípios gerais, abstratos e teóricos da astrologia, e sua aplicação concreta por este ou aquele autor. Parece que é forçoso tomar como verdadeiro — ou falso — *tudo* o que se escreveu sob o nome de astrologia, dos babilônios até hoje. Morin e Ptolomeu, que viveram milênios depois do surgimento do núcleo básico da intuição astrológica — e cujas obras não são mais do que a tradução, precária e limitada, dessa intuição básica às circunstâncias de

um dado momento e de uma dada cultura — são entronizados como papas, e suas sentenças elevadas à condição de dogmas, que o astrólogo de hoje deve subscrever — e o adversário da astrologia rejeitar — *in otum*. O leitor não-astrólogo, que até se disporia a aceitar a lógica subjacente a determinados preceitos gerais astrológicos, como a lei da analogia, se vê obrigado a engolir, junto com ela, a regra segundo a qual os nativos de signos animais acabam devorados pelas feras na arena e os que nascem com "maus aspectos" de Júpiter morrem por sentença judicial (o que equivale à condenar à pena capital um quarto da população). O bestialógico astral é sem fim. O núcleo vivo da intuição astrológica surge encoberto e distorcido por camadas e camadas de acréscimos exóticos anexado pelas várias épocas e que renitentes, permanecem ali grudados, até hoje, como se aspirassem a sugar um pouco da sua eternidade.

Por outro lado, o aluno, carregado de regras e preceitos absolutamente impossíveis de demonstrar, assume posições e adere a opiniões de maneira inteiramente emocional e arbitrária. Alguns juram bater-se até a morte por uma "astrologia científica" que não é mais do que o estudo estatístico das tabelas e regrinhas de Morin; outros dispõem-se a caminhar até o patíbulo em defesa dos princípios de "astrologia esotérica" recebidos por alguns autores em transe mediúnico. Um terceiro grupo acha que tudo se resolverá se "corrigirmos" o Zodíaco trópico para o sidéreo, e finalmente um quarto partido julga que é preciso recriar a astrologia, com o nome de "cosmobiologia", fundada unicamente no modelo das ciências da matéria — um modelo que, de resto, nas palavras de Daniel Verney, será "tanto mais fascinante quanto mais sumária for a cultura científica" do interessado. Proliferam, então, as disputas de escolas e a exclusão mútua entre capelas, e as certezas em jogo são tanto mais ousadas quanto maior a ignorância e maior a impossibidade, em que a maioria se encontra, de explicar *o que* é astrologia, *como e por que* ela funciona.

Necessidade básica do ensino astrológico

Num momento em que a astrologia, em todo o mundo, atrai a atenção e suscita o estudo dedicado de pensadores de primeiro plano, e em que uma universidade brasileira abre um curso com o título de "Astrologia clínica", é uma obrigação elementar dos astrólogos, e sobretudo dos professores de astrologia, a de por um fim a essa confusão.

A necessidade mais urgente, no panorama do ensino astrológico, sobretudo no Brasil, é a de *voltar à simplicidade a às evidências básicas*. A de não aceitar — nem rejeitar, é claro — o que não se compreende, o que está obscuro, inexplicado ou indefinido. É preciso, antes de tudo, estabelecer um limite entre o que *sabemos que sabemos*, o que *temos a possibilidade de saber* e o que *ignoramos radicalmente*.

Para formar uma idéia do panorama da ignorância astrológica, basta atentar para o fato de que um número imenso de textos astrológicos fundamentais — como por exemplo os de Newton — permanece inacessível. Um número igualmente grande perdeu-se através da história. Tábuas e tábuas babilônicas com cartas astrológicas em caracteres cuneiformes aguardam, no Museu Britânico, quem as decifre, compute e explique. Podemos afirmar que sabemos o que é a astrologia, se desconhecemos alguns de seus mais altos e significativos momentos? Pois não são os momentos mais altos que definem a natureza de um saber — a gravitação e a relatividade na física, as sonatas de Beethoven na música?

Por outro lado, mesmo os textos disponíveis raramente são consultados. A maioria dos astrólogos e estudantes que conhecemos gasta meses e anos no estudo dos "manuais", e nem sequer se lembra de fazer um estudo em profundidade do *Timeu,* das *Enádas* de Plotino, dos textos astrológicos de Paracelso e Kepler, Agrippa e Marsilio Ficino. No entanto, está claro que, se existe um conhecimento astrológico, ele está antes nesses textos do que nos manuais que os traduzem em termos "práticos".

Ensinar a descobrir a astrologia

Diante desses fatos, não podemos ensinar astrologia como se ensina a dirigir um automóvel, ou a tricotar — dando regras prontas e práticas, úteis e definitivas, que só resta aplicar com certa habilidade — nem mesmo como se ensina geografia ou física, transmitindo um conjunto mais ou menos sólido de métodos e resultados, de certa maneira prontos, ou ao menos aptos a servirem, sem alteração, de base para desenvolvimentos posteriores na mesma direção. O que podemos, isto sim, é ensinar a descobrir a astrologia — uma astrologia que, tal como nossos alunos, não possuímos. O professor de astrologia não é o possuidor de um tesouro, pronto a prodigalizá-lo a seus atentos pupilos: é o possuidor do mapa de um tesouro. De um mapa incompleto, roto em alguns pedaços, e ilegível em grande parte. O que ele pode fazer é mostrar aos alunos os fragmentos que possui, dar-lhes algumas indicações sobre a técnica de reconstrução, e esperar que um dia eles possam ajudá-lo a refazer o traçado inteiro. Ele não pode levá-los até o território astrológico, nem mesmo até a fronteira onde ele começa: pode apenas conduzi-los até a estrada que, se o mapa estiver certo, conduzirá um dia a mente moderna até lá.

Para isso, o primeiro requisito é que o professor de astrologia tenha uma consciência muito clara dos rombos e vazios que há no seu conhecimentos.

O segundo requisito — ainda mais incompatível com as maneiras habituais de ensinar astrologia — é, antes, de natureza psicológica. Hoje, no mundo todo, homens do mais alto gabarito intelectual e espiritual empenham-se na reconstituição do saber astrológico; e este

trabalho, como tudo o que já se fez de grande e sólido neste mundo, não envolve apenas o exercício de algumas faculdades intelectuais e de algumas técnicas de investigação, mas a *abertura* pessoal, interna, a um conhecimento francamente explosivo, que pode romper todas as seguranças dogmáticas e todos os apegos do indivíduo e da coletividade às suas convicções e hábitos rotineiros — inclusive os hábitos acadêmicos e "científicos".

O conhecimento astrológico, por mais fragmentária que seja a imagem histórica que dele nos chega, tem pelo menos um traço inconfundível e onipresente: é que se trata de um conhecimento integrador, que traz as várias dimensões e forças do homem a um confronto, abolindo as barreiras seguras com que compartimentamos nossos desejos, idéias e imagens para evitar o entrechoque das contradições internas. O conhecimento astrológico conduz o indivíduo a um grau de integração psíquica notavelmente alto, que acelera suas funções intelectuais, intuitivas e emocionais, levando-o, entre chispas e clarões intuitivos não raro assustadores, a integrar em sua personalidade total desde as parcelas mais obscuras e reprimidas do seu ser, até algumas capacidades espirituais bastante altas das quais nunca havia suspeitado. É impossível fazer astrologia — pelo menos astrologia que preste — sem acelerar o processo do que os junguianos chamam *individuação*. A prática da astrologia traz a um confronto o céu, a terra e o inferno, e desse confronto o indivíduo emerge renovado — ou assustado — pela visão operante da totalidade ativa dentro e fora de si. Nesse sentido, a astrologia requer, mais que habilidade, as virtudes da coragem, da lealdade para consigo mesmo e, *last not least,* da fé.

Um requisito essencial: a fé

A fé, no caso, não é apenas uma virtude externa, que venha acrescentar-se à personalidade já pronta do astrólogo, coroando-a de um "algo mais": é uma qualidade *essencial* do aprendizado astrológico. Uma qualidade que o professor tem de ilustrar na prática, usando a sua própria pessoa como cobaia e amostra. Ele não poderá ensinar astrologia se não tiver aprofundado, no estudo do seu próprio mapa, a sua dimensão humana, e se não estiver disposto, quando chamado a isso pelos alunos, a narrar e explicar sua experiência astrológica pessoal, fundada no conhecimento da sua carta e na mais estrita honestidade ao analisá-la sozinho ou em público. Algumas aulas de astrologia assumem, assim, um aspecto verdadeiramente catártico, alunos e professores caminhando juntos de descoberta em descoberta, de espanto em espanto, no sentido do aprofundamento interior ou da abertura para uma instância transcendente.

Finalmente, não há sentido em estudar astrologia unicamente para "prever o futuro", e sim para *compreeender o destino*, para conscientizar de maneira viva e presente a racionalidade e o sentido global dos múltiplos encaixes e engrena-

gens sociais, genéticas, históricas, psíquicas, que se unificam na moldura geral da configuração astrológica para dar forma, sentido e direção à nossa existência.

Prever ou compreenáer?

Não se trata, aqui, nem da contemplação passiva e vagamente mística de um determinismo férreo, nem da futurição tecnológico-positivista que pretende *prever para prover, prover para poder.* Trata-se, isto sim, de alçar nossa inteligência pessoal até o nível onde possa romper seu isolamento e vislumbrar, enfim, sua condição de mera expressão limitada e local de uma inteligência cósmica. Trata-se de elevar o olhar humano desde a observação desolada de um destino coercitivo ou casual até a compreeensão maravilhada do destino geral como suprema obra de arte e expressão da Racionalidade. Trata-se de revogar a revolução anticopernicana que colocou a linguagem da comunidade humana no centro do universo e e reenquadrar a racionalidade humana no quadro cósmico que emerge e que lhe dá existência e forma. nesse sentido, a astrologia, superando as vãs disputas entre ''determinismo'' e ''livre-arbítrio'', eleva-se à condição de uma Teodicéia, de uma ''justificação de Deus''. Ensinar astrologia é, então, estancar no homem a ''revolta metafísica'' que o faz ver-se como um ser isolado e deserdado num universo sem sentido. É aplacar o ódio à Criação, tantas vezes confundido com a justa revolta contra a injustiça meramente humana. É substituir o ''Orgulho da Razão'' pela Dignidade da Consciência.

Por outro lado, esse alto ideal astrológico não tem de ser proclamado em tom retórico, mas vivido na prática cotidiana e no confronto com os fatos do saber contemporâneo. O astrólogo não pode encastelar-se num universo medieval onde tudo está explicado, e recusar-se a ver a tremenda expansão horizontal do conhecimento do mundo nos três últimos séculos. Ao contrário, a astrologia revela-se hoje, justamente, como o instrumento integrador por excelência, apto a unificar num quadro coerente conhecimentos das mais diversas proveniências, com um poder explicativo e estruturante inigualado. Para isso, no entanto, ela tem de absorver as contribuições do saber contemporâneo em toda a sua riqueza e variedade, por mais que esta riqueza e variedade ameacem, vez por outra, romper os quadros do referencial astrológico tradicional. A astrologia é a possibilidade, a promessa do saber integrado, e não o saber integrado, pronto e definitivo. Essa possibilidade permanece viva enquanto disposta ao confronto criador com a ciência contemporânea. E morre tão logo a astrologia se enrijece numa atitude óssea de falsa segurança.

Daí deduzem-se alguns preceitos que decidimos adotar na Escola Júpiter de Astrologia, e que nada têm de definitivos, mas representam tão-somente uma resposta momentânea à necessidade urgente de uma nova pedagogia astrológi-

ca. Essa nova pedagogia, que, em território das Américas, tem seus pioneiros em um Dane Rudhyar e numa Emma de Mascheville, encontra-se ainda longe de constituir uma prática geral. Os preceitos são os seguintes:

1. *Buscar sempre e em toda parte a evidência e a claridade.* O aprendizado da astrologia não consiste em decorar regras, mas na intuição direta e vivida de algumas verdades elementares. A parte mais discursiva do ensino não tem como meta estabelecer a doutrina, mas, mediante a crítica e a análise das noções habituais científicas e filosóficas do aluno, prepará-lo para que chegue sozinho a intuir o núcleo essencial da astrologia. Todos os filósofos, desde Hegel, concordam em que a razão é uma faculdade negativa, destinada antes a destruir as falsas convicções do que a estabelecer as verdadeiras, que devem sempre surgir da intuição direta, da evidência, submetida novamente, em seguida, ao trabalho formalizador da elaboração lógica. A crítica do conhecimento, o exame das condições em que a intuição astrológica pode frutificar adequadamente, este é o caminho de uma *filosofia da astrologia.*

2. *Estimular a criatividade pessoal na prática astrológica.* Uma vez tendo chegado a um núcleo essencial, o aluno deve ser estimulado à variedade e riqueza nas aplicações práticas da astrologia, nas leituras de cartas astrais, e não à formulação pretensamente definitiva de regras invariáveis de interpretação. O desdobramento infinito e criador das possibilidades a partir de um núcleo essencial que, inexpresso, permanece oculto e imutável entre as dobras da variedade dos desempenhos individuais, este é o caminho da *arte do astrólogo.*

3. *Cultura, método, rigor.* No entanto, a eficácia do artista dependerá sempre do número e qualidade dos fatores que ele pode levar em conta no seu desempenho. Depende da sua cultura e do rigor da sua técnica. O astrólogo deve abrir-se ao conhecimento de tudo quanto é humano, deixar-se penetrar e modificar criativamente pela ciência contemporânea, por um lado articulando sempre os novos conhecimentos na distribuição coerente do sistema astrológico, e por outro submetendo o sistema astrológico a tantas quantas forem as modificações suscitadas ou exigidas pelo rigor das ciência moderna e pela descoberta de novos e novos fatos. Este é o caminho da *ciência astrológica.*

4. Por último, todo o saber acumulado pelo astrólogo de nada servirá se não o encaminhar para uma compreensão aumentada da sua própria inserção pessoal num destino e num sistema global — histórico, social, cósmico e para uma maior aproximação entre a sua personalidade e a essência intemporal de onde tudo emana. O astrólogo deve arriscar-se ao encontro com a verdade e a totalidade. E deve arriscar-se a um confronto com a variedade dos fatos, seguro de que, por trás

de toda a aparente e rica multiplicidade, jamais encontrará apenas o caos, mas voltará, sempre e sempre, à mesma fonte una e eterna, e que por isto estará sempre em casa, por mais que se tenha afastado de seus hábitos e sentimentos rotineiros. deve ter a coragem de alçar-se em direção à luz, certo de que ela não o cegará; e de aprofundar-se até as mais remotas trevas do subconsciente, seguro de que mesmo as forças turbulentas que ali se entrechocam se harmonizarão à luz do Todo, revelando, mesmo naquilo que desprezamos e tememos, uma função, um sentido e uma nobreza. Este é o caminho da *fé astrológica:*

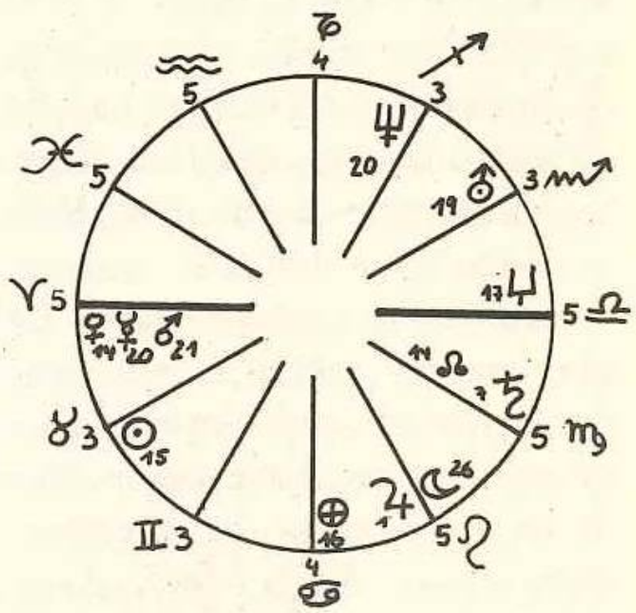
•

Para o estranho ao universo astrológico parecerá apenas uma coincidência, mas os astrólogos saberão reconhecer um dado altamente significativo, o fato de que tais idéias se refletem de maneira evidente na configuração astral do momento em que fundamos essa escola, momento que escolhemos deliberadamente em função das analogias que apresentava.

A criatura e a Criação

Um horóscopo é sempre a expressão total da idéia criadora. E ele nos permite visualizar a essência e o significado daquilo que criamos, tanto quanto a colocação desta criatura dentro da Criação. Porque não são apenas os impulsos humanos que dão forma ao que pretendemos criar: sem a necessidade histórica, cultural e evolutiva, não há ressonância que permite a concretização. Isso nada mais é do que uma diferente expressão da antiga Lei hermética "Assim como está em cima, está embaixo". Ou seja: cada ato que toma forma tem seu conteúdo de significado *não somente no mundo humano, mas também no cósmico e trasncendental.*

Ao levantarmos o horóscopo de fundação desta escola, vemos que Júpiter se encontrava na 4ª.Casa, no signo de Leão (na mesma casa onde se encontrava a Roda da Fortuna, no signo de Câncer), o que, por si só, indica o fato de nos reunirmos àquela hora não era um simples resultado da união de impulsos pessoais.



São Paulo SP
5 de maio de 1979
4h26 AM

Mas nós mesmos só fomos constatar o alcance desse fato quando, na manhã daquele mesmo dia, deparamos com uma reportagem de duas páginas no *Jornal da Tarde,* que, sob o título "As surpresas de Júpiter", expunha as descobertas da sonda espacial *Voyager-I,*

que, nas palavras do astrônomo Robert Jastrow, atribuem ao maior planeta do sistema solar o papel de "cadinho da vida" ou de "laboratório da natureza para a evolução", que é exatamente o papel de Júpiter na tradição astrológica desde há milênios. E temos de nos confessar surpreendidos, maravilhados até, com a correspondência ou sincronicidade entre a fundação desta escola e a divulgação dessa notícia. As descobertas da sonda *Voyager* atestam, com clareza, que o significado filosófico e transcendental de Júpiter está sendo revivido pela consciência coletiva, agora ao nível da observação científica. É um velho costume entre os astrólogos, ao observarem a evolução histórica, o de não constatar nenhuma ampliação do universo exterior da humanidade sem buscarem, imediatamente, uma contrapartida na descoberta de uma nova dimensão interior. Portanto, a revelação de novos conhecimentos sobre o aspecto exterior e manifesto de Júpiter deve, necessariamente, estar acompanhada de um progresso da conscientização coletiva de seu significado interno e transcendente. E é exatamente o que vem acontecendo nos últimos anos, em todo o mundo, como se vê pela ânsia da cultura moderna no sentido de emergir de um estado de fragmentação e reencontrar uma visão totalizante e harmônica, a qual é, na astrologia, justamente uma das atribuições de Júpiter. A posição de Júpiter na 4ª. Casa, no Leão e em trígono com o Ascendente, revela que a reconquista dessa visão é um dos ideais maiores desta escola e, já que a 4ª a casa representa os fundamentos, uma das bases mesmas da sua existência.

Mas, no esforço dessa reconquista, não nos sentimos mais do que continuadores, herdeiros de todos os que antes de nós trilharam esse caminho, utilizando a ciência, a arte e a fé como instrumentos da preparação da consciência humana para uma visão mais ampla da vida. Sendo a 4ª, também, a casa dos pais e do passado, Júpiter aí colocado denota a nossa gratidão e a busca do frutificar dos ideais de homens como Albert e Leo de Mascheville, Ullo Getzel e tantos outros, que de forma deliberada ou não, atuaram nesse sentido..

E, por fim, esperamos que este Júpiter em Leão na 4ª.Casa faça desta escola um lar, uma família, que una aqueles que não somente tenham em seu coração a chama da ânsia do saber, mas também do amor humano, da alegria de viver, dentro do princípio de que "Mesmo que eu tenha todo o saber, se não tenho amor, não sou nada".

São Paulo, 7 de Maio de 1979*

* Aula inaugural da Escola Júpiter de Astrologia

A verdadeira face da Astrologia

Elementos básicos de astrologia
por Emma C. de Mascheville

Estudando os processos evolutivos representados no Zodíaco e nos ciclos planetários, Emma Costet de Mascheville aprofundou o conhecimento das forças que animam a existência humana, ensinando a gerações e gerações de estudantes a verdadeira vocação da Astrologia como veículo de autoconhecimento. Aproveite esta oportunidade para conhecer uma das mais autências contribuições da Astrologia para uma vida mais humana.

Elementos básicos de astrologia
por Emma Costet de Mascheville
Preço do exemplar: Cr$ 150,00

Pedidos pelo Reembolso Postal a:

• Livraria Editora Zipak Ltda.
R. Dr. Vila Nova, 142 —
CEP 01222 — São Paulo SP

Tudo é símbolo. E sábio é quem lê em tudo.

Excerto de um Tratado de Plotino

Este é um dos textos mais assombrosos de toda a história da astrologia. Em algumas dezenas de linhas, o grande sábio neoplatônico esboça toda uma explicação magistral do fenômeno astrológico, estabelecendo um quadro teórico de referência que se revela, ainda hoje, mais eficaz, completo e frutífero do que a maioria das tendências astrológicas atuais — seja as de orientação científica e estatística, seja as de natureza mística e religiosa.

Plotino pode ser considerado o primeiro expositor de uma teoria organicista da astrologia, que explica o fenômeno astrológico por laços vivos de significação entre as partes do cosmos. De certo modo, um precursor das atuais cosmologias de vanguarda, como a da Gnose de Princeton, nos Estados Unidos, e da teoria da informação.

Este é um texto para todo estudante de astrologia ler e meditar muitas vezes.

Plotino nasceu em Licópolis, no Egito, em 205 da nossa Era, e estudou em Alexandria. Em Roma, foi professor e conselheiro de centenas de jovens, e gozou de muita autoridade perante os governantes, alguns dos quais abandonaram riqueza e poderes para acompanhar o filósofo em seu estilo de vida baseado na mais extrema e frugal simplicidade. O estilo de Plotino é abrupto e sumário porque todos seus escritos são apenas notas redigidas às pressas, que foram coligidas, depois da morte do filósofo, por seu discípulo Porfírio.

Este excerto é o parágrafo 7 do Terceiro Tratado da Segunda Enéada.

Se os astros — tal como se diz também de muitas outras coisas — anunciam o futuro, que explicação podemos oferecer para a causa desse fenômeno? Que é que explica o arranjo propositado e significativo *(dos astros)* que está implicado nesse fato? Obviamente, não pode haver significação a não ser que o particular esteja incluído em algum princípio geral.

Podemos pensar os astros como letras perpetuamente inscritas no céu, que no entanto se movem à medida que desempenham as demais tarefas que lhes foram adscritas. Dessas tarefas principais segue-se a sua qualidade de significantes, do mesmo modo que o princípio único subjacente a todas as unidades vivas nos permite raciocinar sobre uma delas a partir de outra, de modo que, por exemplo, podemos julgar do caráter e mesmo dos perigos e defesas do organismo através de indicações que encontramos nos olhos ou em outra parte do corpo. Se essas partes de nós são membros de um todo, nós também o somos; por diferentes modos, é a mesma lei única que se aplica nos dois casos.

Tudo manifesta símbolos; o sábio é aquele que em qualquer coisa pode ler outra, processo que é familiar a todos nós em não raros campos da experiência cotidiana.

Mas qual é o princípio abrangente de coordenação? Estabeleçam isso e teremos uma base racional para a adivinhação, não somente aquela que fazemos através das estrelas, mas através de pássaros ou outros animais, e da qual extraímos orientação para nossos variados misteres.

Todas as coisas têm de estar encadeadas. E a simpatia e correspondência (entre as partes) existente em qualquer organismo estreitamente coeso deve existir primeiro, e muito mais intensamente, no Todo. Tem de haver um princípio que constitua a unidade de e entre as muitas formas de vida, e que inclua os vários membros dentro da unidade, enquanto, ao mesmo tempo, precisamente tal como em cada detalhe as partes também têm cada uma sua função definida, assim também no Todo cada um dos membros deve ter sua própria tarefa — porém muito mais marcadamente neste caso (dos astros), desde que neste caso as partes não são apenas membros, mas elas mesmas são Todos, membros da mais alta Espécie.

Assim, cada entidade tem sua origem num Princípio e, portanto, enquanto executa sua própria função, trabalha com todos os outros membros desse Todo, do qual sua distinta tarefa específica não foi de modo algum separada: cada uma desempenha seu ato, cada uma recebe algo das outras, cada uma tem seu próprio momento de trazer seu toque de doce e de amargo. E não há nada inintencionado, nada ao acaso, em todo o processo: tudo é um esquema de diferenciação, que começa nos Primeiros e, se desdobra numa contínua progressão de Espécies.

Oração ao Sol

por Cruz e Souza

Esta "Oração" do mestre simbolista brasileiro inaugura uma seção destinada a documentar a presença — quase sempre despercebida — da simbologia astrológica e hermética na cultura, popular e letrada, do Brasil. Os conhecedores de astrologia distinguirão facilmente neste texto (extraído do "Missal", Obra Completa, Rio, José Aguilar, 1961, pp. 393-394) um dos temas mais constantes dessa simbologia: a contraposição entre a luz da consciência (Sol) e a rigidez formal da autoridade lógica (Saturno). Uma análise de texto revelaria o quanto foi minuciosa a apreensão desse contraste pelo autor. Publicaremos também nesta seção trabalhos de enfoque antropológico e social que retratem a importância desses arquétipos na cultura brasileira, de raízes européias, negras ou indígenas.

Sol, Rei Astral, deus dos sidéreos Azuis, que fazes cantar de luz os prados verdes, cantar as águas! Sol imortal, pagão que simbolizas a Vida, a Fecundidade! Luminoso sangue original que alimentas o pulmão da Terra, o seio virgem da Natureza! Lá do alto zimbório catedralesco de onde refulges e triunfas, ouve esta Oração que te consagro neste branco Missal da excelsa Religião da Arte, esmaltado no marfim ebúrneo das iluminuras do Pensamento.

Permite que um instante repouse na calma das Idéias, concentre cultualmente o Espírito, como no recolhido silêncio de igrejas góticas, e deixe lá fora, no rumor do mundo, o tropel infernal dos homens ferozmente rugindo e bramando sob a cerrada metralha acesa das formidandas paixões sangrentas.

Concede, Sol, que os manipanços não possam grotescamente, chatos e rombos, com *grimaces* e gestos ignóbeis, imperar sobre mim; e que nem mesmo os Papas, que têm à cabeça as veneráveis orelhas e os chavelhos da Infalibilidade, para aqui não venham, com solene aspecto abençoador, babar sobre estas páginas os clássicos latins pulverulentos, as teorias abstrusas, as regras fósseis, os princípios batráquios, as leis de Crítica-megatério.

E faz igualmente, Sultão dos espaços, com que os argumentos duros, broncos, tortos, não sejam arremessados à larga contra o meu cérebro como incisivas pedradas fortes.

Livra-me tu, Luz central, desses argumentos coléricos, atrabiliários, como que feitos à maneira de armas bárbaras, terríveis, para matar javalis e leões nas selvas africanas.

Dá que eu não ouça jamais, nunca mais! a miraculosa caixa de música dos discursos formidáveis! E que eu ria, ria — ria simbolicamente, infinitamente, até o riso alastrar, derrarmar-se, dipersar-se enfim pelo Universo e subir, nos fluidos do ar, para lá no foco enorme onde vives, Astro, onde ardes, Sol, dando então assim mais brilho à tua chama, mais intensidade ao teu clarão.

Pelo cintilar dos teus raios, pelas ondas fulvas, ó Espírito da Irradiação! pelos empurramentos das auroras, pela clorose virgem das estepes da Lua, pela clara serenidade das Estrelas, brancas e castas noviças geradas do teu fulgor, faculta-me a Graça real, o magnificente poder de rir — rir e amar, perpetuamente rir, perpetuamente amar...

Ó radiante orientalista do firmamento! Supremo artista grego das formas indeléveis e prefulgentes da Luz! pelo exotismo asiático desses deslumbramentos, pelos majestosos cerimoniais da basílica celeste a que tu presides, que esta Oração vá, suba e penetre os etéreos paços esplendorosos e lá para sempre vibre, se eternize através das forças firmes, num som álacre, cantante, de clarim proclamador e guerreiro.

IVPITER JORNAL

Nº 1 — ANO I — LUA NOVA DE CAPRICÓRNIO

> “O amor é tanto mais ardente quanto mais perfeito o conhecimento.”
>
> LEONARDO DA VINCI

FRATERNIDADE

Dia mundial do astrólogo

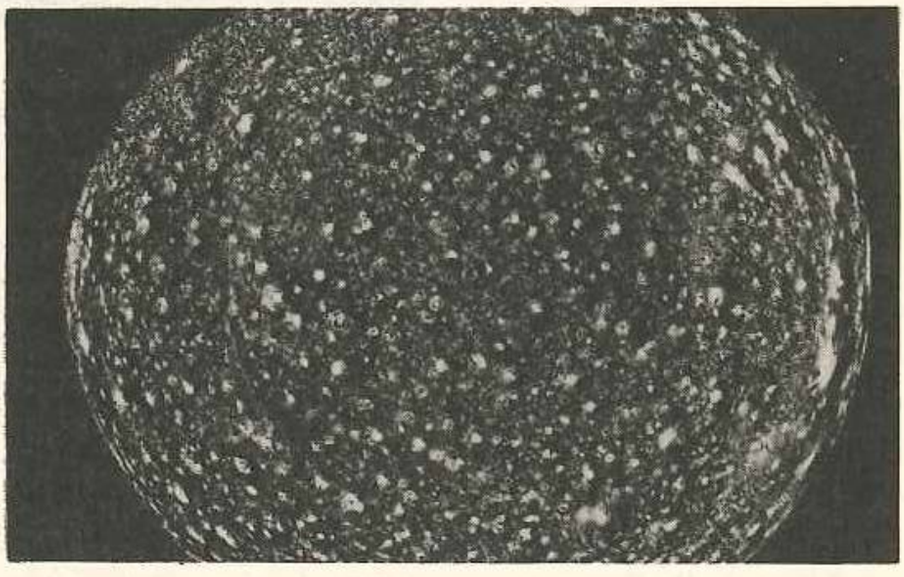
Uma proposta para unir os astrólogos de todo o mundo no Dia de Reis de 81. Página 4.

O astrólogo uruguaio Boris Cristoff, autor de importantes trabalhos como *Astrología precesional* (Buenos Aires, 1969) e *La progression lunaire naturelle* (Paris, 1976), está distribuindo a entidades e associações astrológicas de todo o mundo um apelo: instituir a data de 6 de janeiro como Dia Mundial do Astrólogo, com a realização de simpósios e festejos comemorativos.

A justificação da data é evidente: Dia de Reis. Os três reis magos, como se sabe, eram astrólogos, e foi por isso que discerniram o nascimento do Cristo pela localização de uma estrela ou cometa (que alguns, hoje, identificam como uma conjunção Júpiter-Saturno). Os três reis magos são os três primeiros grandes astrólogos da Era Cristã.

Encontro em Colônia

Cont. pág. 4



A viagem das naves Voyager

Belíssimas fotos de Júpiter. Este é o primeiro presente que a espaçonave “Voyager-1” mandou para os homens. Em troca, as duas naves do projeto carregam durante os próximos milênios os sinais da nossa civilização. Levam fotos de trânsito, sons de pássaros, músicas... Veja o percurso das naves na página 6.

Qual é o melhor lugar do mundo para você morar?

(PÁG. 8)

A entrada do Sol em Áries

PÁG. 7

EDITORIAL

Mudar de linguagem

É inacreditável que em pleno século XX se encontrem textos que se proponham ao ensino da Astrologia e contenham afirmações do tipo "todo planeta em estado celeste medíocre será julgado conforme os bons ou maus aspectos que recebe", ou "um planeta maléfico, qualquer que seja seu estado celeste, enuncia sempre impedimentos e males para a casa oposta àquela em que está situado". Estas formas de abordagem da interpretação astrológica, tipicamente medievais, servem, com razão, para que pessoas dotadas de um mínimo de bom senso, rejeitem totalmente a validade da astrologia. Ao lermos esses "aforismos" fica-nos a impressão de que existe uma fórmula astrológica do estado celeste e conseqüentemente do tema astrológico perfeito, e que todos os seres humanos que não preencham estas condições não passam de falhas do controle de qualidade do Criador, que deixa nascer sobre a Terra criaturas desprestigiadas pela roda do destino astral. É igualmente incrível que a maioria dos profissionais de astrologia não tenha percebido a necessidade de uma nova linguagem, a nível da compreensão e da cosmovisão de que desfrutamos hoje, nem notado que estarão cada vez mais distanciados das necessidades das futuras gerações se não modificarem estas concepções por preciosismo e apego às tradições. Se a proposta básica da Astrologia é a compreensão da plena integração e identidade do indivíduo com o cosmo, como se irá basear uma interpretação astrológica em conceitos de bem e de mal, catalogando signos, planetas e aspectos de maléficos e benéficos, harmoniosos e desarmoniosos, bons e ruins? Os aspectos deveriam ser chamados de ativos e passivos ou de qualquer outra forma que não nos desse a impressão que se acham associados a um sentimento pessoal do que nos é agradável ou doloroso. Não devemos esquecer que tanto o triângulo quanto o quadrado são figuras tão perfeitas quanto o círculo e que, se o quadrado representa lutas no mundo objetivo, ele se reflete como crescimento e autorealização no mundo subjetivo, enquanto o trígono representa facilidades e realizações no mundo objetivo, mas estas só existem em função de utilização dos acúmulos subjetivos anteriores. Uma astrologia baseada nos conceitos do bem e do mal conforme o sentimento humano não irá passar de uma astrologia fenomênica, que ao invés de libertar vai aprisionar, ao invés de conscientizar vai justificar ou submeter. Está na hora de mudar de linguagem. (A.C.H.)

IVPITER

REVISTA DE ASTROLOGIA

Para anunciar: 853-5946

Casa III

Cartas, perguntas, intercâmbio

Esta é a seção dos leitores de JÚPITER. Um comentário, uma sugestão, a troca de correspondência, exemplos de uma comunicação pessoal que podem ter importância para todos. O diálogo começa hoje mas precisa do leitor para ter continuidade (as cartas devem ser encaminhadas contendo nome e endereço).

Nossos colegas dão as boas-vindas a "Júpiter"

"We are happy indeed to read of the progress you are making in advancing Astrology in Brazil..."
Robert W. Cooper, Executive Secretary, American Federation of Astrologers, Tempe, Arizona.

"Thank you for your letter of August 7, which just reached me, along with the copies of your very nicely produced magazine..."
Leyla Rael (Mrs. Dane Rudhyar), Palo Alto, California.

"JUPITER appears to be a very scholarly and respectable journal. My wishes for its success, and for the dissemination of its message, accompany this letter..."
Jim Lewis, San Francisco, California.

"Em meio a tanta escuridão, surgirem palavras positivas é como um Sol vindo refletir em nossa consciência..."
Rhena de los Tropicos, São Paulo, SP.

"Por referencia de nuestro común interlocutor, Ing. Dr. Livio Vinardi, me permito escribirle a fin de establecer un contacto permanente con JUPITER."
Hector Martinez Moya, Ing. Santiago de Chile

"Escrevi para vocês uns tempos atrás, pedindo informações para sobre publicações astrológicas no Brasil. Agradeço a remessa do número "zero" de JÚPITER, e espero ver logo essa publicação nas bancas, porque está melhor do que todas as expectativas."

M. Haroldo Brandão Saccon S. Leopoldo RS

Um colega americano pede nossa Hora de verão

"Could you please send us accurate time change information on Brazil, since "Time Changes in the World" by Doane is in error..."

Henry Weingarten, New York National Astrological Society, New York, N. Y.

R. — Já escrevemos para o sr. Weingarten fornecendo a informação, mas, como muitos estudantes têm necessidade de saber quais as datas em que estava em vigor a hora de verão no Brasil, para o cálculo de mapas astrais, damos a seguir a lista:

Hora de verão no Brasil

Nestas datas, os relógios foram adiantados em uma hora, que deverá portanto ser descontada para se obter a hora oficial.

03 OUT	31 às 11h00 a	31 MAR	32 às 24h00	
02 OUT	32 às 23h00 a	31 MAR	33 às 24h00	
01 DEZ	49 às 00h00 a	16 ABR	50 às 24h00	
01 DEZ	50 às 00h00 a	31 MAR	51 às 24h00	
01 DEZ	51 às 00h00 a	31 MAR	52 às 24h00	
01 DEZ	52 às 00h00 a	28 FEV	53 às 24h00	
23 OUT	63 às 00h00 a	01 MAR	64 às 24h00	(1)
09 DEZ	63 às 00h00 a	01 MAR	64 às 24h00	(2)
31 JAN	65 às 00h00 a	31 MAR	65 às 24h00	
01 DEZ	65 às 00h00 a	31 MAR	66 às 24h00	
01 NOV	66 às 00h00 a	28 FEV	67 às 24h00	
01 NOV	67 às 00h00 a	29 FEV	68 às 24h00	

(1) Só SP, MG, RJ, GB e ES.
(2) Todos os demais Estados.

6 de janeiro, Dia Mundial do Astrólogo.

Continuação da primeira página

Para comemorar o Dia Mundial do Astrólogo, no ano que vem, Cristoff propõe uma reunião de astrólogos de todo o mundo na cidade de Colônia, na Alemanha, onde repousam os restos mortais dos três Reis. Essas relíquias, localizadas por Santa Helena no ano de 330 e depositadas inicialmente em Constantinopla, foram trazidas à Europa por Frederico Barba Roxa. O caminho que Frederico atravessou para trazê-los, através dos Alpes, da Borgonha e do Reno, ainda hoje se chama "Estrada dos Três Reis".

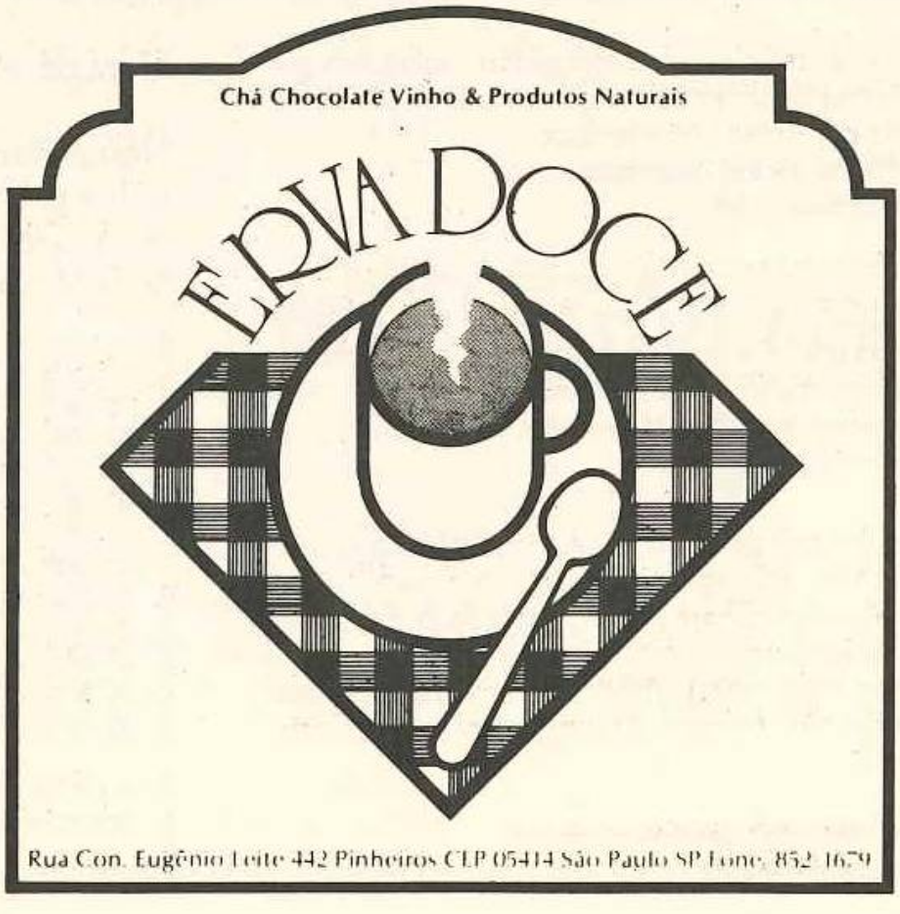
Cristoff propõe que o centro das comemorações seja a Catedral de Colônia, construída em 1248 para abrigar as relíquias dos Santos Reis, e que atualmente recebe a visita de mais de um milhão de turistas por ano.

Em comunicado enviado à Escola Júpiter, Cristoff ressalta a necessidade de união mundial do movimento astrológico dos astrólogos: "O movimento astrológico está disperso e regionalizado, dando razão a céticos e inimigos por nossa falta de unidade e critério, quando deveria ser o mais integrado e acolhedor, o mais uraniano."

A escolha de 1981 para a primeira reunião mundial de integração é assim justificada por Boris Cristoff: "Considerando-se que historicamente o renascimento do movimento astrológico se produziu por volta de 1897, quando apareceram as primeiras e desordenadas publicações astrológicas, então o ingresso de Urano em Sagitário em conjunção a Sol, a Saturno e a Marte, naquele 1º de dezembro de 1897, confirma esse magno acontecimento. No próximo 6 de janeiro de 1981 cumprir-se-ão os 84 anos da primeria revolução de Urano, símbolo da astrologia e do astrólogo, quando ele fizer seu reingresso em Sagitário. Além disso, quatro dias antes haverá a nova conjunção Júpiter-Saturno (2 de janeiro de 1981), que é a primeira conjunção de astros lentos depois de dez anos de "vazio conjuncional".

Para o programa da reunião, Cristoff sugere: no primeiro dia (domingo, 4 de janeiro de 1981), visita à catedral; no segundo, intercâmbio de publicações; e no terceiro (6 de janeiro), um intercâmbio mundial de análises e previsões.

As adesões podem ser manifestadas diretamente a Boris Cristoff (Calle Beyruth, 1272, Montevideo, Uruguay).



PINTANDO NO CÉU

O que acontecerá com Carter?

O horóscopo de Jimmy Carter encontra-se em 80 ativado por vários aspectos importantes, que já vêm agindo deste 79: a quadratura de Urano em Escorpião, com a conjunção Vênus-Netuno no Leão em sua décima casa, associada a sua posição social e mundial e à sua atividade de governo propriamente dita. É interessante observar que as dificuldades diplomáticas internacionais, ativadas por movimentos de fundo religioso e fanático, se acham perfeitamente configuradas no aspecto de Urano.

Pode-se esperar, para os meses de maio e junho uma intensificação dos problemas internacionais e políticos, com o retorno de Urano aos graus que formam quadratura com a conjunção Vênus-Netuno de Carter. O aspecto estará intensificado pela Direção Lunar que estará também formando 90 graus com aquela conjunção, assinalando estes meses como os mais críticos para o povo americano nestes próximos meses.

O trígono de Netuno e o sextil de Plutão, que se acham transitando nos signos de Sagitário e Libra, poderão auxiliar

numa solução pacífica das tensões, com uma movimentação internacional no sentido de uma reorganização e transformação positiva das situações.

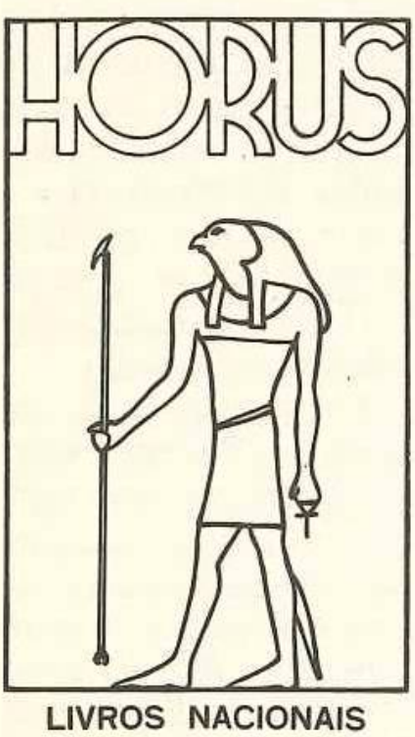
Em novembro, a conjunção Júpiter-Saturno estará transitando sobre o Sol de Carter, na 12a. Casa, o que pode assinalar um período de necessidade de renúncias e de abnegação; de aceitação do que está fora de seu poder de mudança. Tanto pode significar a liquidação das responsabilidades assumidas, retirando-se Carter do cenário político pela vitória de algum de seus opositores, quanto a necessidade de colocar maiores encargos sobre as costas.

Já é bastante conhecida a observação de que os presidentes americanos eleitos nas conjunções de Júpiter e Saturno não terminam o governo. Vamos esperar para ver o que irá trazer esta conjunção de Júpiter-Saturno sobre o Sol de Carter, considerando que nas Direções Secundárias ele está com Vênus em conjunção ao Ascendente, o que pode muito bem significar que a derrota política pode ser para ele um êxito pessoal.

• A quadratura Saturno/Netuno trará ainda muita instabilidade política e financeira no mundo. Esperamos que para o Brasil a situação comece a progredir a partir da passagem de Júpiter sobre a posição do Sol, na Independência, que ocorrerá em agosto. Este aspecto deverá assinalar transformações na orientação do governo, especialmente no que se refere ao trabalho, à agricultura e à administração pública, colhendo-se os primeiros frutos da luta contra a desburocratização.

• A passagem de Saturno em Virgem assinala um retorno aos valores e concepções do passado no plano religioso. Vejamos dois exemplos nítidos: o *Aiatolá* Khomeini e o Papa João Paulo II. O primeiro obrigou o retorno do véu negro *(chador)* para

as mulheres, da mesma forma que o Papa reafirmou o voto de celibato para os padres e rejeitou a proposta das freiras americanas no sentido de também poderem oficiar missas. A Madre Tereza de Calcutá, religiosa que se destacou internacionalmente com o Prêmio Nobel da Paz por seu trabalho junto aos pobres e necessitados, comprova que a passagem de Júpiter em Virgem projeta uma imagem religiosa positiva para o catolicismo, uma vez que esta corrente religiosa se acha relacionada ao eixo astrológico Peixes-Virgem (veja-se que o Papa e os bispos usam chapéus — as mitras — em forma de cabeça de peixe, onde se acham inscritos os símbolos dos quatro signos fixos como representações dos quatro evangelistas).



LIVROS NACIONAIS
E ESTRANGEIROS

AVENIDA ANGÉLICA, 1814 CONJ. 1207
FONE 259-5394

TRÍGONO SATURNO-NETUNO

Uma mensagem para nossos amigos no espaço

As sondas espaciais *"Voyager"*, lançadas pela NASA em julho e agosto de 1977, quando Saturno e Netuno estavam em trígono, já nos enviaram belíssimas fotos de Júpiter.

"Voyager 1" deverá estar próximo a Saturno em novembro próximo, e talvez no final deste século deixe o sistema solar na direção da constelação de Ofiucos. *"Voyager 2"* cruzará Saturno no final de agosto de 1981 e atingirá Urano em janeiro de 1986, voando em direção à constelação de Capricórnio. As duas espaçonaves devem passar os próximos milênios orbitando em torno do centro da galáxia em períodos de 250 milhões de anos.

Mas o que importa neste lançamento, além das finalidades científicas de fotografar e enviar informações sobre os planetas maiores do sistema solar, que jamais poderiam ser obtidas a partir da Tera, é a mensagem visual e auditiva que as sondas Voyager levam consigo, na expectativa que seres inteligentes, dotados de órgãos sensoriais semelhantes aos nossos, possam ver e ouvir algo a respeito da civilização que habita esse grão de pó que circunda uma das milhares de estrelas que gravitam nos extremos de um dos braços de nossa galáxia — o planeta Terra.

A mensagem foi gravada num disco com duas horas de duração que contém sinais de áudio transformáveis em sinais de vídeo, iniciando com um ensaio sobre "a música das esferas" de Kepler, onde a freqüência sonora é associada à distância dos planetas em relação ao Sol, passando por sons de vulcões e sopros de ventos para sugerir o ambiente terrestre pré-histórico, por canto de pássaros e sons de baleias, até chegar ao homem: passos, batidas do coração, sorrisos e conversa. Seguem-se depois sons de pedra sendo lascada, costura, cultivo, construções, ondas mentais, pulsações e um beijo.

Na parte musical propriamente dita, foram escolhidas para participar deste primeiro "long-play interestelar" as obras mais expressivas de Bach, Beethoven, Mozart e Stravinsky. Músicas folclóricas e melodias de Java, Senegal, Zaire, Austrália, Inglaterra, México, Japão, Rússia, Peru, Bulgária, Nova Guiné, Ilhas Salomão, China, Índia e América — uma canção dos índios navajos, o famoso rock de Chuck Berry (*"Johnny B. Good"*), canções de Louis Armstrong e Blind Willie Johnson.

Na parte visual, foram escolhidas imagens do sol, sua posição no espaço e seu espectro, a reprodução humana, infância, crescimento e atividades na idade adulta; cidades, casas, ferramentas, insetos, animais, plantas, montanhas e mares, pássaros, o homem caçando e caminhando no espaço, um quarteto

de cordas, um engarrafamento de tráfego e um velho comendo. E finalmente, mensagens de amizade para os possíveis apreciadores deste audiovisual cósmico, em 55 línguas diferentes — destacando-se a seguinte em chinês: *"Desejamos o bem a todos. Nós estamos pensando em vocês. Por favor venham aqui visitar-nos quando tiverem tempo"*.

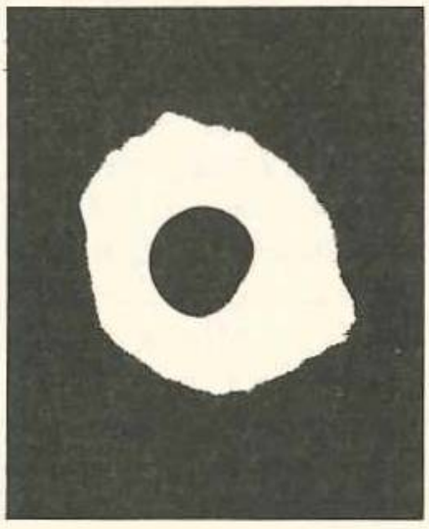
Astrologicamente, a missão das naves *"Voyager"*, tanto de fotografar os planetas maiores, quanto de conduzir uma mensagem para além dos limites do sistema solar na esperança de um contato com outras formas de vida inteligente da galáxia, comprovam as características do trígono Saturno-Netuno de 1977, no sentido de concreta busca de ampliação de nossa visão do sistema em que vivemos e de abrir na mentalidade humana a possibilidade positiva de relacionamento com seres de outros mundos.

O que virá com o eclipse do Sol

No dia 16 de fevereiro ocorrerá um eclipse do Sol, às 11h52m (horário de Brasília — fuso 45º) no signo de Aquário, bastante próxima ao Ascendente do Horóscopo da Independência do Brasil. Pode-se esperar para o período desta lunação, por ocorrer em quadratura quase exata com o Urano a 25º de Escorpião, intensas transformações nas orientações do governo federal, especialmente ao que se refere à área de comunicação, educação e problemas energéticos.

Deve-se esperar para o período de 16 de fevereiro a 16 de março, um ressurgimento de movimentos grevistas, havendo tensões por protestos e insatisfações coletivas.

Na aviação comercial e militar será também um período de transformações, onde há uma maior propensão a acidentes, tanto por falhas da técnica quanto por falhas humanas. Deve-se evitar as precipitações, os impulsos de querer mudar as coisas de forma irrefletida e explosiva para que não surjam choques. Mas tudo o que precisa ser renovado será sacudido neste período.



Entrada do Sol em Áries

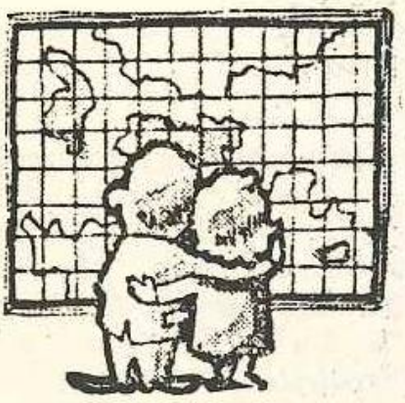
No dia 20 de março, às 14h11m (hora de Brasília — fuso de 45º), o Sol entra em Áries, formando um trígono com Urano, que se encontra nos últimos graus de Escorpião. Isso prenuncia um grande desenvolvimento para a Astrologia durante o próximo ano sideral e também durante a década de 80. Esperamos que este aspecto mobilize os profissionais, estudantes e pesquisadores da Astrologia no sentido de uma maior fraternidade, para que possamos levar à humanidade uma mensagem de compreensão e conscientização, despertando a todos para a chegada da Nova Era.

A SAB vem aí.

Um grupo de astrólogos, estudantes e simpatizantes da Astrologia, de vários pontos do Brasil, estão preparando a ata de fundação da Sociedade Astrológica Brasileira (SAB) para unir os profissionais, pesquisadores e amigos da astrologia no esforço de divulgá-la e difundi-la dentro de um espírito fraterno e de uma visão humanística, como instrumento de aperfeiçoamento humano e de integração do conhecimento.

A SAB irá trabalhar pela legalização e reconhecimento da atividade de astrólogo e se estruturando através da coligação de grupos indenpendentes já existentes em Porto Alegre (Centro de Pesquisa e Difusão de Astrologia, dirigido por Emma C. de Mascheville), Florianópolis (Núcleo de Astrologia de Santa Catarina, dirigido por Carlos Asp), Rio de Janeiro (Clube de Astrologia do Rio de Janeiro e Escola Júpiter de Astrologia) São Paulo (Escola Júpiter de Astrologia e Fundação de Astrologia de São Paulo) e Brasília (Núcleo de Astrologia de Brasília, dirigido por Liane Romero).

A SAB estimulará a formação de outros núcleos independentes através da realização de seminários de astrologia nas demais capitais brasileiras, iniciando-se por Belo Horizonte em março próximo. No segundo semestre de 80 será fundada a Sociedade, com a realização da Primeira Semana Brasileira de Astrologia, com a presença de astrólogos estrangeiros. Assim, os que se sentirem afins com estes ideais, estão convidados a participar deste esforço coletivo. Os interessados em maiores informações podem escrever à redação de Júpiter.



ASTROCARTOGRAFIA

Qual é o melhor lugar do mundo para você viver?

Se o ser humano é uma expressão do momento em que nasce, também é expressão de um lugar. Isto significa que seu "destino" está também associado a esse lugar, e que, portanto, tenderia a ser diferente em outro. Nesse caso, o mesmo mapa, calculado para o mesmo instante do nascimento de uma pessoa, mas focalizado em outras coordenadas, indicaria uma diferente disposição das energias e tendências básicas, e poderia servir como um guia para, de certo modo, "mudar o destino", mudando de lugar.

Esse é o pressuposto do trabalho que o astrólogo norte-americano Jim Lewis, de San Francisco, Califórnia, está desenvolvendo sob o nome de "Astrocartografia".

Como se sabe, o signo Ascendente é obtido pelo cálculo da linha do horizonte do *local* de nascimento. Um nascimento no mesmo instante, em outro local, assinalaria outro ascendente. O método de Lewis consiste em fazer esse cálculo para várias cidades do mundo, vendo então os aspectos (ângulos) que os vários planetas formariam com o Ascendente e o Meio-Céu (ponto culminante do zodíaco).

No caso de Jimmy Carter, por exemplo, o mapa real de nascimento é calculado para Washington. Se calculado para o Irã, naquele mesmo momento. Marte, considerado o significador astrológico das guerras e conflitos, cairia exatamente no Meio-Ceú, que é o significador geral do destino social da pessoa, indicando portanto ser esse (e como não?) um lugar particularmente perigoso para o sr, Carter. Vênus, indicador da harmonia, cai na linha do Ascendente no mapa calculado para Israel, mostrando que o Sr. Carter se sentiria particularmente bem se vivesse em Tel-Aviv.

O trabalho de Lewis revela grande exatidão de cálculos e rigorosa interpretação dos aspectos planetários, constituindo, ao que parece, uma demonstração da eficácia do método.

Muitas antigas tradições astrológicas, particularmente a chinesa, davam importância peculiar ao local da Terra onde se davam os eventos, acreditando que um cuidadoso estudo das "linhas de força" e das tendências sutis da natureza terrestre do local seria tão importante quanto o estudo da configuração celeste, para a compreensão e o domínio do destino.

Um correto estudo do *local* mais adequado para cada empreendimento humano deveria então, na astrologia, ser realizado paralelamente ao estudo do *momento* mais propício. O trabalho de Jim Lewis parece confirmar essa hipótese.

Os interessados em obter sua astrocartografia pessoal podem escrever para Jim Lewis, P. O. Box 22293. San Francisco, CA., 94122, USA. Brevemente a revista *JUPITER* publicará um trabalho mais extenso sobre o assunto, de autoria do próprio Lewis. (O.C.)

IVPITER